

Artigos Temáticos

Análise Póstuma da Transferência¹

Djmena Coral Nakamura², Campinas, São Paulo

Resumo: A partir do material clínico de um atendimento, a autora propõe uma compreensão sobre o fenômeno da transferência sob a perspectiva da teoria Kleiniana. O enredo dessa análise é assinalado por uma interlocução com a obra *Memórias Póstuma de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE: Transferência; Desenvolvimento Mental Primitivo; Melanie Klein; Machado de Assis.

Análise Póstuma da Transferência

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. (Assis, 1881/1994, p.17)

1 Trabalho realizado para conclusão do módulo sobre Klein do curso de especialização “Psicanálise para Psicoterapeutas” promovido pela SBPCamp. Apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise/FEBRAPSI-SBPSP, 2015.

2 Endereço: Rua Ana Viana Silveira Franco, 18. Sala 45. Sousas – Campinas/São Paulo. CEP: 13.105-823. Telefone: (19) 99735-6266. Endereço eletrônico: djme_coral@yahoo.com.br

Introdução: Sobre a morte e o sonho

Ao iniciar esse trabalho, com intuito de relatar o estudo de um caso recém-fundado, passava pela agrura de me sentir uma terapeuta finada.

A inquietação da escrita inacabada, da palavra que não alcança facilmente o sentido do que é vivido. A inquietação das sessões interrompidas, pouco depois da eleição do caso. Numa das madrugadas de escrita, reli o título que havia determinado – Análise da Transferência – e, com certo pesar, incluí o fatídico adjetivo “Póstuma” na sentença. E exatamente como Brás Cubas: “Fiquei aliviado (a) e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo.” (Assis, 1881/1994, p.82)

E, assim, naquela noite, Machado de Assis adentrou meus sonhos, deixando emergir em mim a maleabilidade necessária do sonhar acordada. Dessa forma, esse é um trabalho que considero atravessado pela obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Aproveito a companhia fúnebre de seu “defunto autor”, eu – a defunta autora – recém-nascida.

Através do empréstimo desse personagem da produção literária de Assis encontro uma experiência prazerosa e significativa que movimenta a confiança e a esperança na minha capacidade de examinar e dar sentido à dinâmica desse caso clínico e às narrativas que despertaram, temporariamente, minhas “ansiedades a respeito da aniquilação interna e a perseguição externa” (Klein, 1940, p.390).

Capítulo 1 – Óbito da autora: “Você atua na linha psicanalítica?”

“Essa paciente lhe procurou já tendo em mãos o destino traçado de sua análise: o fim eminente.” Assim anunciou meu supervisor posteriormente. Eu já sabia que, possivelmente, não haveria mais tempo com a Malu real, com os encontros pulverizados com o ar incerto do não alcance. Mas pude então considerar que, ao menos nesse espaço, haveria a Malu dos sonhos sonhados! E com ela a analista que fui, a despeito de tudo que se mostrava, como fui sendo levada a agir, montando com ela uma armadilha.

E como desse sonho eu ainda posso me recordar, nem tudo fica impedido, ao menos o pensar, não. Afinal, “*sim, eu atuo na linha psicanalítica!*” Essa foi minha resposta diante da primeira questão de Malu, ainda no contato telefônico.

Ela então foi me dando notícias, de maneira peculiar, do que eu encontraria adiante. “*Essa é a matéria que eu mais detesto na faculdade, mas acho que preciso disso agora.*”

Malu foi atendida por um período aproximado de três meses. Um tempo muito curto, mas bastante envolvente e inquietante para mim.

Cursando o terceiro ano do curso de psicologia, queixava-se de grande ansiedade e confusão no pensar. Filha única, relatava brigas frequentes e violentas com seus pais e um medo de perdê-los, sem ter podido de fato, considerá-los em sua vida.

A figura materna demonstrava ser a mais conflitiva, representava, de modo concreto, uma rival na relação com seu pai. Alguém cujos sentimentos se revelavam na forma de desprezo, raiva e ressentimento. Malu falava que gostaria de enxergar a mãe admirada que os amigos e família consideravam, mas a sentia na intimidade como alguém fracassada e inútil.

Já a figura de seu pai demonstrava ser a do príncipe que chegou um tanto adiantado, que não a esperou para nascer. Alguém que a elegeu, mas que não a colocou ainda no posto mais alto, por uma questão apenas de descompasso de tempo. Seria assim, quase sempre, perdoado. “*Falam que se eu tivesse nascido em outra geração teria me casado com meu pai.*”

Outras ansiedades relativas a namoros frustrados, inúmeras dependências na universidade, dívidas e um início de trabalho na área de recursos humanos atrapalhada (em minha própria fantasia) pela falta denunciada em seu português. Peguei-me surpresa nos primeiros encontros ao ver aquela imagem de uma jovem bonita ser desmontada pela constrangedora falta do “s” em suas conjugações. Deduzia, porém, que aquele podia ser um caminho que me daria as brechas da compreensão de sua não individuação e não pluralidade, quem sabe.

Um dia, após uma sessão extra, recebi sua ligação avisando que interromperia nosso trabalho. Devo considerar que apesar do incômodo, senti certa segurança de que ela não sairia. Ela saiu.

Capítulo 1.1 – Da Campa

Ao apreciar agora o primeiro contato de Malu comigo, posso localizar o leitor sobre o percurso longínquo, no sentido do profundo/inconsciente, que a análise percorre.

Klein (1952, p. 71) descreve justamente esse trajeto apontando como as questões do passado, as primeiras relações objetais são acentuadas no processo analítico. Ela compreende assim que a análise evoca no paciente as mesmas defesas que foram anteriormente vividas.

Foi, contudo, surpreendente avistar minha paciente, em seu primeiro contato comigo, já prontamente transferida, antes mesmo de eu entrar. Esse é o impacto do caso e é, também, o meio mais eficiente que pude compreender as questões das vivências das relações objetais (internas e externas) da teoria kleiniana. Malu trouxe visceralmente seu conteúdo primitivo, sua cisão tão marcada do objeto/seio bom e objeto/seio mau.

Considero aqui que, embora não seja a minha proposta para esse artigo aprofundar o conceito de contratransferência, não posso desconsiderar a repercussão dessa paciente em mim, como sua analista. Foi me percebendo “invadida/tomada” pelo universo de objetos internos de minha paciente que Klein pôde entrar no meu mundo.

Dito isso, ocupo-me de aproximar a minha morte anunciada à “morte matada” da análise, morte essa realizada na minha presença e, por que não, em conluio comigo.

Malu estava ocupada com um mundo interno muito tenso e me colocou em seu “interjogo entre a ansiedade persecutória e a idealização – ambas referindo-se a objetos internos e externos, sendo o objeto idealizado um corolário do objeto persecutório.” (Klein, 1952, p.73)

A analista é então a razão do incômodo. É esse sentimento muito ambivalente que prevalece em seu funcionamento. Coloca-me no lugar de sua mãe, a mulher fecunda, que tem bebês e tem o pênis do pai. E o colorido da relação da mãe interiorizada é trazido na transferência para a analista.

Há uma tentativa desesperada de não dependência, já que a dependência remete ao risco da perda e do desamparo. É o anúncio da necessidade do outro na sua vida, mas seria também o caminho do vínculo, que Malu ainda não pode desfrutar.

Essa possibilidade Klein identifica através dos processos primários de projeção e introjeção o início das relações objetais:

Pela projeção, isto é, pela deflexão da libido e da agressão em direção ao seio da mãe, fica estabelecida a base para as relações de objeto; pela introjeção do objeto, em primeiro lugar o seio, as relações com os objetos internos passam a existir... A introjeção do seio é o início da formação do superego. (1952, p.72)

E num momento assinalado pela necessidade de dependência de uma analista, nessa arquitetura que se mostra marcada pela falha dos processos de introjeção do objeto bom, o sentimento de profundo desamparo de Malu é irrompido. Assim, ela promove uma tentativa de me imobilizar, logo que chega.

Afinal, para organizar-se e lidar com toda sua angústia prevalece o seu lado de funcionamento mais neurótico, num esforço de negação de realidades psíquicas dolorosas. Suas defesas maníacas se caracterizam pelo “desejo de controlar o objeto, a gratificação sádica de dominá-lo e humilhá-lo, de sobrepujá-lo, o triunfo sobre ele” (Klein, 1940, p. 394).

É interessante que a questão de descompasso do tempo o qual ela se refere quando trata da relação com o pai, surge também comigo. Em sua despedida me fala mais seguramente, depois de um momento de choro “*D, nos encontramos na hora errada.*” É um amor (na relação comigo – uma análise) que quase acontece, é um suposto, que não pode ser desfrutado da maneira que se apresenta.

Isso encontra eco no aparato teórico kleiniano (1952, p.77) que preconiza as representações flutuantes da figura do analista em momentos diferentes ou até mesmo, concomitantes do processo, figura essa que pode ser vivida ora como superego, ora como uma parte do self ou ainda como uma outra figura internalizada do paciente.

Afinal com quais aspectos dos pais estaria eu ali deparada? Qual o colorido das suas fantasias inconscientes?

Capítulo 2 – O Emplasto: “*Conversei com meus pais e faremos assim: cada um pagará um terço da minha análise, dividiremos entre nós três*”.

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro.

Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou te devoro. Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. (Assis, 1881/1994, p.19)

Na segunda sessão esse foi o aviso: o mundo, representado pela figura dos pais, houvera tirado algo dela e ela, por sua vez, triunfa agora ostentando essa dívida a ser mensalmente anunciada e cobrada.

Real por real, dividido por três pessoas. Estava diante de uma representação de um triângulo equilátero, cada lado de dimensões iguais e muito bem conectado com as outras duas partes. Ninguém sai e, por conseguinte, ninguém entra. O enigma, o “X”, um Édipo freudiano clássico!

Mas sustentar essa estrutura triangular que representa o lado de funcionamento neurótico de Malu, exige uma firmeza defensiva que garanta a não apresentação da sua fragilidade. Essa situação primitiva que se cristalizou, seu lado histérico que a mantém supostamente vitoriosa apesar das mais severas adversidades, dá a ela o direito de fazer o que quiser.

A “figura dos pais combinados” (Klein, 1952, p.78) trazendo a bandeira da culpa, especialmente por continuarem formando uma dupla fecunda, apesar da constante notificação pela menina do fracasso familiar. Também carregariam a culpa por Malu precisar de um quarto elemento, sua análise.

A figura da minha paciente ostentando, por sua vez, o triunfo da histérica: seu ressentimento. Montam assim uma única peça. Haveria ainda um elo de conexão firmado e personificado por ela mesma que, em minha alusão pessoal, seria como se Malu tivesse a chave dos vértices que conectam esse trio. Podendo em fantasia, a qualquer momento, destruir a cena de regozijo desse casal.

Parecia, especialmente nas primeiras sessões, que eu haveria de ficar impactada pelos terríveis segredos familiares que ela me revelava. Houvera guardado há anos uma traição da mãe e fora ela que tempos depois, ao descobrir uma traição do pai, mobilizou a família ao suposto (e esperado) caos.

Lida, quase que diariamente, contudo, com a frustração de, após alguns meses de brigas e uma temporária separação dos pais, uma retomada de casamento de aparente reencontro entre eles e imenso desencontro dela.

Eu, por minha vez, apesar das evidências, não compreendia porque minhas interpretações, embora sentidas por mim em muitos momentos como significativas, reverberavam momentaneamente com algum sentido para ela, entretanto retornavam rapidamente como um bumerangue, deixando um eco atordoante em minha mente.

Capítulo 2.1 – Da Campa

Uma das propostas de maior arrojo na teoria kleiniana é a compreensão da antecipação das vivências relativas à formação do superego e do complexo de Édipo, vividas, segundo a autora, nas fases mais primitivas da infância. Assim, as nuances do triângulo edípico de Malu ganham um sentido mais claro.

As descobertas de Melanie Klein levam em consideração a obliquidade dos impulsos sádico-orais que permeiam esse período da vida. A autora localiza nos estágios iniciais do Complexo de Édipo, na fantasia dos “pais combinados” o modelo do cenário da inveja, ciúmes e, por conseguinte, do ressentimento.

Klein pressupõe que existe uma prontidão do bebê para perceber a sexualidade dos pais, já que a fantasia infantil está aliada à concepção, pela perspectiva de terem outros bebês.

Esse seria um cenário de uma ligação muito afrontosa e sombria, que culmina num sentimento forte de inveja, já que a criança sente a ameaça de expulsão. “A fantasia dos pais combinados extrai sua força de outro elemento da vida emocional arcaica, isto é, da poderosa inveja associada aos desejos orais frustrados.” (Klein, 1952, p.78)

Assim, desde a primeira infância, a perspectiva dessa figura materna desejada e temida, poderosa e invejada está presente. Se a relação com a mãe pode oferecer um amparo na capacidade de integrar, de reparar os sentimentos sádicos de ataque ao seu corpo e aos conteúdos que, por suposição, ele detém; então a presença paterna pode ser vivida de maneira menos persecutória, sem essa força tão intensa da idealização e da hostilidade.

Klein compreende a origem do sentimento de culpa como um fruto do complexo de Édipo. Ao introjetar os objetos de amor edípico há um desenlace da culpa, que é efeito da formação do superego. Nota-se que a ansiedade infantil gerada pelo começo do complexo edípico, mobiliza na criança o medo de ser devorada e destruída.

Como ela mesma ambiciona destruir seu objeto libidinoso é gerada uma ansiedade, na medida em que o avivamento das forças edípicas é acompanhado pela introjeção objetal. Há uma expectativa temerosa de que receberá uma retaliação tão violenta quanto seu suposto ataque. “O superego se transforma em algo que morde, corta, devora.” (1981, p. 255).

A análise de Malu revelara realmente a grande intensidade de seus impulsos sádico-orais e sua quase incapacidade de lidar com tensões. E como a potencialidade do pensar e do criar varia de acordo com a internalização dessa dupla parental, podemos supor o enredo dessa vivência para ela.

A possibilidade mais afortunada seria, afinal, que por amor à mãe a criança pudesse receber esse pai e seguir, conseqüentemente, buscando novas fontes de gratificação.

Malu, contudo, me apontava, através dos seus grandes entraves a situação infantil à qual se agarrara com toda sua força. Como não pode admitir que vem de uma cópula criativa, logo não fertiliza. Está sempre em função de separar.

Capítulo 3 – Das negativas: “Fui apaixonada pelo professor Otávio, que me ensinou a regra de três.”

Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do Céu. O caso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos. (Assis, 1881/9994, p.234)

A regra de três é usada nas situações de proporcionalidade, usando de três valores já informados para o cálculo de um quarto valor.

Por aqui fui presenciando o desencontro de Malu. Esse professor, figura idealizada pelas condições da puberdade, parece ter oferecido a essa menina a ideia do corte, da interdição paterna que se mostrara falha em sua vivência com o pai real interiorizado.

“Meu pai fala que não sabe o que fazer com a minha mãe.”;

“Nós dois saímos sábado, juntos, fomos a um barzinho, foi perfeito!”;

“Quando pequena, meu pai falava para a minha mãe que se algo acontecesse comigo ele a mataria.”

Muitas vezes, durante algumas sessões, tive um impulso de ser o professor Otávio para Malu. Como quando diante de relatos que pareciam ser um atentado à sua própria vida. Meus pensamentos e sentimentos se dividiam, entre a constante tentativa de sair da vivência concreta e a perturbação causada por sua narrativa.

Eu conjecturava: “Era um sonho... Eu teria de ouvir como tal... Malu estava de pijama, dirigia de pijama até outra cidade. Isso só pode ser mesmo um sonho então! Dormiria na casa da prima, já ia pronta.

Estava acima da velocidade permitida, muito acima... em seu velho carro, sem cinto de segurança e seu carro ficou sem freio!. Eu confusa novamente.

Mas ela estava viva. Cadê Otávio?

Malu não precisava de Otávio, nem de cinto, nem de freio, tão pouco de mim.

Capítulo 3.1 – Da Campa

A falta da força do papel paterno, do pênis organizador. A falta da firmeza que é exercida com amor, mas que é potência masculina refletem em sua dificuldade de lidar com o outro, justamente por ser outro, diferente. Sua questão edípica muito mal elaborada.

Esse pai que não oferece a interdição, que não a localiza – ao menos no colorido das fantasias dessa menina – no papel de filha e que potencializa seus sérios entraves. É como se Malu, sob certa perspectiva, tivesse que se interditar sozinha, o que supõe um bloqueio de si mesma em muitos sentidos.

Uma dificuldade muito grande em desidealizar o que pode e o que não pode ter, as relações que pode ou não viver. Uma vida na condicional, que realmente confirmo agora: não pluraliza, já que não se individualizou.

Segundo Klein (1981), a formação do superego começa no exato momento em que a criança realiza a primeira introjeção oral de seus objetos.

Como as primeiras imagos constituídas desta maneira são dotadas de todos os atributos do sadismo violento que distingue este estágio do desenvolvimento, e como devem ser projetadas de novo sobre os objetos do mundo externo, a criança é dominada pelo medo de sofrer, por parte de seus objetos reais e por parte de seu superego, ataques de uma crueldade inimaginável. Sua angústia servirá para reforçar suas tendências sádicas levando-a a destruir os objetos hostis para escapar da agressão deles.

A percepção da ausência é substituída por um falo poderoso, compatível ao de um mundo anal, do controle, do poder sobre o outro.

Em sessões como essas, nas quais suas narrativas percorriam parte da sua fantasia onipotente, eu sentia como se Malu incutisse em mim a vontade de tirá-la do perigo.

Nesse processo Otávio parece ser a personificação da interdição, da figura que poderia prover a vida e soltar as tensas amarras de Malu. Descobrir que a regra de três permite a conquista do valor “X”, do enigma, do quarto elemento... O elemento individualizado Malu, por ela mesma, que pode campear suas gratificações, assim como se responsabilizar por sua vida.

Com certo tom de criança arteira Malu me contou que roubou a pequena foto de seu professor do quadro de mérito da escola. Otávio agora era posse dela, também não precisava aprender com ele mais nada.

Capítulo 4 – A Alucinação: *“Estou muito brava com você D, desde a semana passada. Percebi que até você gosta da minha mãe!”*

“Era verdade. Entrei apressado; achei Virgília ansiosa, mau humor, fronte nublada. A mãe, que era surda, estava na sala com ela.” (Assis, 1881/1994, p.93)

“Minha mãe fala “ahã” para mim e não faz o que teoricamente concordou.”

Ela me avisou que iria interromper o tratamento porque seus pais, ao contrário do prometido, não se importavam em dar-lhe o dinheiro da análise na data que ela pedia e que, desta forma, a análise tornara-se mais um motivo de brigas e frustrações.

Nesse momento, se por um lado eu procurava manter as convicções do meu trabalho como sua analista, por outro fui sendo tomada por grande irritação. Procurando alternativas para pensar com ela possibilidades reais, sai do papel de analista. Estava eu no papel de filha de mãe surda.

“D, se eu ou uma porta falarmos, minha mãe escutará a porta! Porque a porta é uma novidade e eu não.”

A surda agora era Malu. E eu, falando com empenho, negando a surdez. Novamente ela parecia considerar minhas tentativas de propor o pensar, mas logo me dizia, por outros meios, do que ocorria com ela realmente. E tive notícias por intermédio do que ocorreu comigo.

Minha fala voou numa rajada inicialmente raivosa, depois me trazendo algum alívio: *“Malu, eu não sou uma porta. Posso escutar e aceitar o seu não. Embora eu não concorde que você deva interromper. Estarei aqui caso queira retomar.”*

Mas a última palavra não é minha!

Capítulo 4.1 – Da Campa

O clima dessas sessões é dificilmente transcrito. Talvez justamente por tratar de questões muito precoces onde a palavra ainda não adquirira valor simbólico. Talvez por falar do seu sentimento de desamparo infantil, através da projeção em mim, com elementos muito realistas.

Como quase sempre a ambivalência de minha paciente era marcada por uma certa divisão em meu próprio pensamento também. Mas a invasão era maior, naquele momento, do que minha capacidade de me separar e o labirinto me aspirou.

Os gritos dela ecoariam: “D, você é minha mãe!”; “D, você é o casal hostil que me abandona aqui sozinha!”; “D, você é a filha de uma mãe surda!”

Klein (1952, p. 77) localiza no “fato de terem suas origens na infância mais remota que explica a força dessas flutuações na transferência, bem como suas rápidas alternâncias – às vezes, até mesmo numa única sessão.”

Djmena Coral Nakamura

E entende que podemos, como analistas, representar para o paciente, algumas vezes o casal parental em si, mobilizando sentimentos de uma “aliança hostil” (1952, p. 77) contra o paciente.

Onde mora a experiência da desidealização da figura da analista, vive o insuportável. É lugar onde todos os seus recursos defensivos são avivados. Malu previne a separação encerrando a análise. Para ela minha morte é uma questão de sobrevivência. O tipo de sobrevivência que ela pôde, em algum momento remoto, abarcar.

Último capítulo: “*Eu vou te ligar ainda. Mesmo que seja para lhe dizer que estou ótima!*”

"Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas." (Assis, 1881/1994, p.15)

Ela me ligou. Perguntara se eu estaria livre, pois gostaria de me pagar naquele dia. Malu não chegou.

Isso meu supervisor já me avisara de antemão. “*Se prepare para não receber esse pagamento.*” Mas eu? Eu já estivera morta, no primeiro capítulo.

“Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo.” (Assis, 1881/1994, p.16)

Conclusão: Bem-aventurados os que não descem

Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma. O melhor que há, quando se não resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que eu fiz; lancei mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta, que me adejava no cérebro. Fiquei aliviado e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo. (Assis, 1881/1994, p.82)

Nesse capítulo onde a morte me permite “cavar o mistério”, no capítulo da análise, as questões de minha paciente não me dizimam.

Através do viés da ferramenta da transferência e dos conceitos do desenvolvimento mental primitivo, procurei compreender o caso clínico.

Minha concepção da transferência envolve uma técnica através da qual os elementos inconscientes da transferência são deduzidos a partir da totalidade do material apresentado....Ou seja, ele (paciente) se afasta do analista como tentou se afastar de seus objetos primários; tenta cindir a relação com ele, mantendo-o como uma figura boa, ou como figura má: deflete alguns dos sentimentos e atitudes vividos em relação ao analista para outras pessoas em sua vida cotidiana, e isto faz parte da “atuação”. (Klein, 1952, p.78/79)

Considero agora, deste outro lugar, que minha paciente trouxe sim em seu primeiro contato o seu destino já anunciado, mas também percebo que para percorrer esse trajeto eu fui eleita. Portanto, entre esse começo e o fim, houve uma história, uma relação imbuída das particularidades de cada personagem. E, em especial, uma história ditada, letra por letra, pela minha paciente. Um ditado que segui, compreendendo parcialmente seu sentido. E que remonto agora na forma alusiva a de um epitáfio.

Machado de Assis compareceu sem convite, chegou deixando um tanto de sua perspicaz ironia ao velório e foi me aliviando da concretude dos fatos. Fez a ponte, a curta ponte entre a teoria e a prática, a vida e a morte. Sinto que cumpri parte importante de minha tarefa contudo, ao percorrer esse campo árido do fim arriscando o encontro de um significado para essa experiência de vida. De alguma maneira, senti que minha ansiedade e culpa diminuíram e meu amor e ódio puderam ser mais bem sintetizados.

“A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus. Brás Cubas”. (Assis, 1881/1994, p.16)

Referências

- Assis, M. (1881). *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ed. Coleção Vestibular Estadão. Klick (1994).
- Klein, M. (1970). *Primeiras fases do Complexo de Édipo*. In Contribuições à Psicanálise. (M. Maillet, Trad., pp. 253-268). Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1928)
- Klein, M. (1991). *As Origens da Transferência*. In Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos. (pp. 70-79). Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Klein, M. (1996). *Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco depressivos*. In Amor Culpa e Reparação e Outros Trabalhos. (J.O. Abreu, Trad., pp.301-329). Imago (Trabalho original publicado em 1935)
- Klein, M. (1996). *O luto e suas relações com os estados maniaco depressivos*. In Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos. (A. Cardoso, Trad., pp. 385-412). Imago (Trabalho original publicado em 1940).

Anseio de Transformação – Uma aproximação entre Christopher Bollas e Virgínia Woolf

Mirian Malzyner¹, São Paulo

Resumo: O artigo traz alguns conceitos teóricos do pensamento de Christopher Bollas, fazendo articulações pessoais da autora de como esses conceitos trazem aberturas importantes para aprofundamento e expansão do olhar clínico. Finaliza com uma aproximação entre esses conceitos e um conto de Virgínia Woolf, chamado *Objetos Sólidos*, destacando o “anseio primordial de transformação.”

PALAVRAS-CHAVE: Bollas; Psicanálise e Literatura; Objeto Transformacional; Anseio de Transformação; Idioma.

Introdução

Pretendo nesse texto trazer algumas articulações teórico-clínicas advindas da obra do psicanalista Christopher Bollas, para em seguida, trazer uma ilustração metafórica a partir de um conto de Virginia Woolf. Essa aproximação surgiu naturalmente, uma vez que a Psicanálise e a Literatura sempre estiveram em diálogo fértil. Antes de buscar a formação como psicanalista, Bollas graduou-se em História e fez doutorado em Literatura Inglesa. Sua escrita é literária e sua abordagem psicanalítica privilegia o campo estético da experiência humana.

1 Membro efetivo e Analista didata da SBPSP Rua Purpurina, 155/67, Vila Madalena. 0543-030, São Paulo Capital, mimalzyner@gmail.com, celular (11)99103-2022

Mirian Malzyner

Não penso em meramente repetir formulações prontas do autor, mas buscar dentro de mim como essas formulações se acomodam, criam raízes e se articulam dinamicamente com tudo que sou, as teorias que já estudei, os analistas e supervisores que tive, minha experiência como mulher, mãe, avó, analista, enfim, como pessoa total.

Trata-se de um esforço para me expressar em palavras e frases minimamente organizadas e que façam sentido. Esse esforço pessoal tem a marca de uma Estética, de uma maneira própria de se apropriar dos objetos do mundo para poder usá-los de maneira única.

Ao colocar essas primeiras ideias já estou imersa no pensamento de Bollas. Percebo o quanto alguns conceitos desse autor realmente fazem parte da minha caixa de ferramentas, do meu repertório como analista, construído ao longo de anos. Bollas fala da beleza que é o analista trabalhando, quando ele coloca em palavras seus pensamentos, a partir de seu interior, no momento da sessão, de uma forma nova, inédita. Algo que nunca foi formulado antes. Supondo que não se trata de um analista repetidor de clichês e interpretações prontas, o que Winnicott e Bollas chamariam de um falso self.

Na minha caixa de ferramentas entram alguns conceitos teóricos básicos e principais, como Inconsciente, transferência, processos primários e secundários, projeção e identificação projetiva, posições esquizoparanoide e depressiva e a oscilação entre elas, mudança catastrófica, função alfa, reverie, *holding*, espaço potencial e objetos transicionais, a área de ilusão, estados primitivos indiferenciados de mente. São conceitos dos principais autores da Psicanálise Inglesa; Freud, Klein, Bion, Winnicott, Milner. Ainda entram nessa caixa todo repertório da vida de relação com os objetos culturais, todo campo da arte, principalmente artes visuais, música, literatura e dramaturgia.

O primeiro conceito de Bollas que quero destacar é o conceito de “Idioma” (Bollas, 1992). Essa marca singular e tão única quanto as impressões digitais, que se revela na forma como cada pessoa se organiza esteticamente no mundo. Para Bollas há um prazer do self em se expressar. Para ele, por exemplo, o grande e principal desejo que um sonho realiza, é o desejo de se expressar. Há uma dimensão erótica, de prazer, na busca de representação.

O self verdadeiro expressa-se através do Idioma. Conhecer uma pessoa é como entrar num país estrangeiro, uma nova cultura com língua própria, objetos culturais próprios. Psicanálise é parte de um processo de traduzir as diferentes perspectivas, decifrar as regras daquela cultura particular. Bollas acredita que cada um de nós é um artista com sua própria sensibilidade criativa, desde que haja um ambiente que propicie essa liberdade de escolha. Compartilhamos muitos conteúdos com os outros, temos muito em comum, mas o fazemos de forma única. (Entrevista a Molino, A (1997))

Essa ideia de observar como uma pessoa se organiza, quais são suas escolhas ao longo da vida, procurar dar um sentido, entender a lógica dessas escolhas, dar atenção aos objetos que essa pessoa pinça no mundo e os torna parte de si, é uma ideia extremamente útil na clínica. No meu entender, Bollas inverte um olhar mais tradicional ou clássico, em que o analista foca nas defesas e na fuga da realidade. Ao contrário, ele olha para o que o paciente está à procura, o que é como ele se organiza nessa busca. O analista se coloca também como objeto a ser usado pelo paciente, permitindo que ele crie o seu analista. Com cada paciente, diferentes aspectos do analista podem se destacar e de diferentes maneiras, segundo uma necessidade pessoal. O uso do analista envolve o que Winnicott chamou de uso do objeto numa experiência completa. Destruir o analista que sobrevive. A sobrevivência do objeto propicia a criação da externalidade do mundo.

Mirian Malzyner

O mundo se torna real e a pessoa também.(Winnicott, 1975).

Trata-se de um grande crédito ao trabalho do Inconsciente, às forças criativas que movem os indivíduos e daquilo que ele chama de “Forças do Destino” (Bollas, 1992). Bollas resgata e enfatiza a importância da associação livre e da atenção flutuante. A capacidade de associar livremente é a dimensão criativa mais importante do processo psicanalítico. É a presença do verdadeiro self na sessão. A força do destino é semelhante ao princípio do prazer acrescentado de uma dimensão estética, que é parte crucial da seleção e do uso do objeto.

Por exemplo, por que uma pessoa escolhe Engenharia e a outra escolhe Zoologia? Como essas escolhas se articulam com a história de cada um e de que maneira essas escolhas propiciam realizações de aspectos do self?

Bollas diz que podemos saber muito de uma pessoa observando numa livraria como ela se movimenta, para onde o olhar dela se dirige, que livros ela pega ou mais ainda, que livros ela escolhe abrir e ler a orelha.

Essas ideias propiciaram uma grande abertura na minha escuta e no meu olhar clínico. Elas demandam tempo de observação cuidadosa, atenta e silenciosa. Bollas chama atenção para como uma urgência interpretativa do “aqui e agora comigo”, pode interceptar o processo da livre associação, restringindo a análise à análise da relação transferencial direta. Sem tirar a utilidade dessa abordagem, o olhar que descrevi acima oferece uma abertura tipo grande angular, com maior liberdade de movimentação e surgimento de articulações vitais para a expressão e constituição do self verdadeiro. Criar espaços de abertura, no meu entender, é o que movimenta a criatividade e o surgimento do inédito.

A forma que Bollas aborda o objeto é uma forma que também amplia o alcance da transferência, o fenômeno essencial para que se dê o trabalho de análise que é, ou deveria ser, um processo de transformação.

Quando trazemos para o trabalho os objetos que o paciente escolhe fora do consultório e fora do tempo da sessão, incluímos sentidos e significados no campo transferencial. Por exemplo. Num momento do processo o paciente busca fazer natação. Estar sustentado pelo ambiente aquático com as experiências que esse meio proporciona pode ser uma extensão da sustentação vivida com o analista.

É a pulsão das forças de destino que buscam expressão do self verdadeiro através dos objetos. A evolução do self verdadeiro é facilitada pelo ambiente proporcionado pelo analista.

O encontro com esses objetos facilita o acesso ao que ele chama de “Conhecido ainda não pensado” (Bollas, 2015), Trata-se das experiências vividas e que são pré-verbais e anteriores a existência de um eu que possa pensar as vivências. É uma disposição do self verdadeiro para experimentar os objetos. Quando há uma boa apresentação dos objetos na medida e na cronologia adequada às necessidades do bebê, pode haver uso do objeto e expressão do idioma pessoal.

Bollas (2015) através do conceito de “Objeto transformacional”, acrescenta de forma ainda mais precisa e aguda a noção de “processo”, presente desde sempre na vida. Na experiência mágica de ser atendido pela mãe no tempo e na medida necessários à característica própria daquele bebê, fica o registro de um processo que transforma. A mãe é vivida como transformação e que permanece enquanto um “anseio primordial”. As experiências estéticas são o reencontro com essas marcas mnêmicas que ocorrem como abertura para transformações significativas. Buscamos ser transformados pelo encontro com o Outro, que pode ocorrer na forma de obra de arte, Natureza, experiência religiosa ou espiritual, ou ainda, no que mais nos interessa, no encontro da dupla em análise. Experiências transformadoras não são necessariamente gratificantes, “mesmo assim profundamente comoventes por causa da memória existencial que tocou”. (Bollas, 2015. pág. 64)

Mirian Malzyner

O objeto transformacional, assim como o objeto transicional são conceitos que ampliam muito o vértice estético do campo analítico. Bollas indica que a descoberta do objeto transicional é posterior a essas primeiras experiências de transformação, que são totalmente passivas. A escolha do objeto transicional já implica num início de personalidade, uma escolha estética, uma primeira metáfora, que aponta um estilo de ser ou idioma pessoal (Bollas, 1992). Por exemplo o objeto pode ser duro ou mole, áspero ou macio. Envolve uma riqueza de texturas que remetem às experiências vividas, conhecidas e não pensadas, uma base sensorial com uma marca Estética.

O objeto transicional ajuda e conforta, amenizando as dores inevitáveis da travessia de tornar-se um indivíduo separado. As experiências transformadoras renovam esperança ao mesmo tempo que lançam o eu na inquietude, na instabilidade e no desconhecido. É a precariedade do ser. “A busca pelo objeto transformacional é uma busca de memória infinita, por algo do futuro que reside no passado.” (Bollas, 2015 pág. 75)

Ao longo da vida, escolhemos objetos e cada um deles provê um tipo de experiência, as nossas escolhas podem ser úteis para articular nosso idioma, lembrar experiências precoces ou também impedir verdadeira articulação do self, indicando patologias advindas das primeiras relações. Não sabemos porque escolhemos os objetos, mas certamente, uma razão é o potencial de prover experiências de texturas do self.

Então, além do aspecto de projeção de conteúdos internos nos objetos, visão clássica da relação objetal, Bollas vai aprofundar o uso dos objetos a partir do caráter dos mesmos, da sua integridade e suas qualidades em evocar experiências; os “objetos evocativos”. A escolha dos objetos é uma forma de pensamento. A qualidade evocativa implica acionar redes de memórias que se articulam no inconsciente.

Seja procurando ativamente os objetos, ou se deixando surpreender pelo encontro com eles, trata-se de uma forma de pensamento, com grande intensidade de comprometimento existencial e diferente do pensamento cognitivo, regido pelos processos secundários.

Estamos considerando uma forma de pensamento não racional portanto, próxima à qualidade dos processos oníricos regidos pelos processos primários. Uma atividade que está presente sempre, ainda que não consciente. É a dimensão Estética da experiência que se dá no campo da Ilusão, que remete às primeiras relações mãe bebê, ao nascimento de um eu separado. São processos que se renovam o tempo todo, permitindo aquisições e fortalecimento do Eu.

Ao deslocar o campo primordial de atenção do analista para esse lugar do “entre”, do que não é dentro e não é fora, o lugar do paradoxo, abrimos um espaço sempre em transição, em processo. Processos humanos que ocorrem ao longo do tempo. Não são estruturas fixas.

Enquanto preparava esse texto, fui surpreendida pelo encontro com um objeto literário, que veio ao encontro de uma necessidade de encontrar uma ilustração para esses processos descritos por Bollas. Acredito que a ilustração – seja visual, poética ou clínica – é a melhor forma de se apropriar dos conceitos.

Trata-se de um conto de Virginia Woolf, escrito no pós primeira guerra mundial, chamado “Objetos Sólidos”. Importante situar na época pós-guerra, porque é um momento de muitas desilusões com as regras de civilidade vigentes. Para mostrar o conto para vocês, vou precisar “destruí-lo” e espero que seja criativamente. Porque não seria possível ler o conto na íntegra. Então vou relatá-lo à minha maneira e trazer algumas citações textuais.

Virgínia Woolf nasceu em 1882 e morreu em 1941. Bollas, como já dito, nasceu em 1943.

Mirian Malzyner

Pela sua paixão pela literatura, certamente deve ter navegado pela obra da Virgínia Woolf, e a escrita do fluxo de consciência, que é uma escrita não linear e familiar ao método da associação livre. É curioso que frequentemente a autora coleta na realidade objetos inanimados que captam a sua atenção e parte deles para uma ampliação reflexiva sobre a vida interior, a vida psíquica.

É uma escrita fragmentada, com pedaços de consciência dispersos, o que torna a leitura por vezes difícil, demandando continência para o “não saber”, o “não entender”.

O entendimento passa a ser de outra natureza que não é a compreensão intelectual. Acho útil também lembrar que a escrita de Virgínia Woolf sempre tem uma crítica ácida e bastante precisa de uma sociedade machista, em que a mulher não era livre para se expressar, nem considerada como importante.

Crítica que se estendia aos valores rígidos e costumes estereotipados que caracterizavam principalmente preconceitos de classes sociais.

Vamos ao conto. Inicia com a descrição do narrador/a que observa ao longe dois caminhantes na praia, dois jovens elegantes e que ao se aproximarem é possível escutar algum fragmento de conversa, parecendo uma discussão acalorada.

Em determinado instante, um deles diz: “Que se dane a política!”

Eles se detém perto de um barco atracado na praia e como que para baixar o tom mais exaltado da conversa, um deles, nomeado como Charles, joga pedrinhas na água e o outro, John, começa a mexer na areia.

Aqui, faço uma citação textual:

“... quanto mais ele enfiava a mão, que ao chegar além do pulso forçou a puxar a manga um pouco mais para cima, mais seus olhos perdiam em intensidade, ou melhor, o substrato de pensamento e experiência que dá profundidade inescrutável aos olhos das pessoas adultas desaparecia, para deixar apenas a clara superfície transparente, nada expressando além do espanto que os olhos das crianças demonstram. Sem dúvida o ato de cavar na areia tinha alguma coisa a ver com isso. Lembrava-se ele como, depois de cavar um pouco, a água escorre pelas pontas dos dedos; o buraco então se torna um fosso; um poço; uma nascente; um canal secreto para o mar. Enquanto ele decidia qual dessas coisas fazer, seus dedos, ainda se movendo na água, enroscaram-se em torno de algo duro – toda uma gota de matéria sólida – para desentocar pouco a pouco, trazendo a superfície, um grande irregular fragmento. Ao ser lavada a areia que o cobria surgiu um verde desmaiado. Era um caco de vidro...”

Segue-se uma descrição do caco de vidro e de onde poderia ter se originado – garrafa, copo, pedra preciosa... E John entra em um estado de encantamento: “causava-lhe prazer”. O amigo retoma a conversação e John, disfarçadamente enfia o objeto no bolso.

Ele leva a pedra para casa e a coloca em cima da lareira como um peso de papel. A narradora então nos informa que ele tem muitos papéis, por causa de sua profissão. John é político e está em pleno processo eleitoral, concorrendo a algum cargo no Parlamento.

Acompanhamos um processo de transformação. John se via atraído, nas vitrines das lojas de raridades, por qualquer coisa que o lembrasse o caco de vidro. Qualquer coisa mais ou menos redonda, de mármore, porcelana, vidro, âmbar.... Também andava com os olhos no chão a procura de objetos de nenhuma utilidade para ninguém, descartados.

Mirian Malzyner

Em poucos meses colecionou mais quatro ou cinco espécimes que foram para sua lareira, ainda com a função de pesos de papéis.

Um dia, algum objeto de forma especial chama sua atenção numa floreira cercada e por mais que tentasse não consegue alcançar o objeto. Ele vai para casa e fábrica um instrumento, uma argola e uma vara para pescar o objeto. Toda essa aventura faz com que perca um compromisso.

John passa a procurar pedaços de porcelana nas nesgas do chão, terrenos de casas demolidas, aumentando sua coleção em variedade, texturas e tamanhos, expostas em cima da lareira. Já não tinham utilidade para segurar papéis, eram simplesmente uma coleção de inutilidades.

Descuida-se totalmente de suas obrigações políticas. A sua lareira ornamentada, pela sua estranheza, afasta seus eleitores e ele perde as eleições.

“E ele não era mais jovem. Sua carreira política tornou-se coisa do passado. As pessoas deixaram de visitá-lo. Ele era muito calado para que valesse a pena convidá-lo para jantar. Nunca falava com ninguém sobre as ambições tão sérias que tinha; a falta de compreensão dos outros transparecia no seu comportamento.”

Charles observa que ele não parece nada abalado com nada disso, levando-o a pensar que a questão era grave demais. Numa visita, desolado com a decadência do amigo pergunta:

“Qual é a verdade, John?” ...

“O que o levou a desistir de tudo assim sem mais nem menos?”

“Eu não desisti”, respondeu John.

“Mas agora você não tem mais chance nenhuma”, disse Charles com aspereza.

“Nisso eu discordo de você”, disse John convictamente.

Charles, olhando-o, sentiu-se profundamente incomodado; foi possuído pelas dúvidas mais extraordinárias; teve uma impressão esquisita de que os dois estavam falando de coisas diferentes.

O conto termina com Charles respondendo, “*da forma mais jovial que pode: Bonitas pedras*”, despedindo-se para sempre do amigo. Na minha leitura, esse conto traz uma belíssima metáfora de como a escolha idiomática dos objetos é uma expressão do verdadeiro self. Acompanhamos John num processo de ser transformado a partir de um encontro com um objeto evocativo que o transporta para o mundo da infância, recuperando um olhar de espanto, típico da criança que ainda pode se encantar com a novidade do mundo. O lugar em que a cena acontece é a orla marítima, lugar de transição, entre a areia e a água. Lugar do “entre”. Lugar dos castelos de areia e dos sonhos. Winnicott no texto “A localização experiência cultural”, coloca como epígrafe um poema de Tagore

“Na praia do mar de mundos sem fim, crianças brincam”.

É nesse lugar de trânsito, que a transformação de John começa a se dar. Aos olhos do mundo civilizado, representado pelo amigo Charles, ele entra num processo de decadência e de loucura. A resposta de John, convicto de que não se trata de uma desistência, faz pensar no contrário. Ele se encontra no mundo das supostas inutilidades. Talvez a imagem funcional composta do político bem-sucedido fosse a expressão de um falso self. Uma submissão às demandas do mundo externo. Cabe lembrar que Virgínia Woolf sofreu na sua vida com as vicissitudes de um funcionamento psíquico peculiar, que lhe causava dor e profundos sentimentos de inadequação social. Suspeita-se de um diagnóstico de esquizofrenia. É possível. Mas também podemos pensar no sofrimento advindo de uma sociedade que não tem recursos para lidar com o diferente, com o Outro enquanto estranho e, que muitas vezes está à frente do seu tempo.

Mirian Malzyner

Uma artista que inova numa linguagem muito própria e singular, partindo de investigação e detalhamento das minúcias envolvidas no sentir e muitas vezes, partindo de percepções focadas em supostas inutilidades. Falo em supostas inutilidades, porque é justamente a partir do que elas evocam, que a autora aprofunda uma crítica social contundente e uma análise profunda do psiquismo e do sentido existencial da vida.

Encontro eco nas palavras do nosso poeta Manoel de Barros:

“Poderoso pra mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil. Fiquei emocionado e chorei.”

Assim como o poeta, o psicanalista procura nas sutilezas e brechas da linguagem e da observação minuciosa do estilo de ser do paciente, material precioso para adentrar no conhecimento do seu mundo psíquico. Um processo lento de colheita e de descoberta das articulações entre presente e passado, o que está na biografia pessoal e também do futuro, posto que somos sempre transformação num terno vir a ser. No processo de amadurecimento do indivíduo, o grande desafio seria encontrar uma solução de compromisso entre as demandas do processo civilizatório e o verdadeiro eu, sem que haja uma perda do gesto espontâneo, daquilo que é genuíno em cada um. Bollas, ao aprofundar o conhecimento da relação com o mundo dos objetos, das coisas, acrescenta camadas preciosas na abordagem da experiência humana, enquanto experiência primordialmente Estética. Olhar para o poder evocativo e a possibilidade de transformações vitais das experiências cotidianas, e principalmente, no cotidiano da relação que se dá no trabalho da dupla em análise, traz novos e bem-vindos ares de renovação para nossa prática.

Referências

Bollas, C. (1992) - Forças do Destino. Psicanálise e Idioma Humano. Ed imago, RJ

Bollas, C. (2015) - A Sombra do Objeto, Psicanálise do conhecido não pensado Ed. Escuta São Paulo

Molino, A (1997) *Freely Associated – Encounters in Psychoanalysis* Free Association Books,
London NY

Winnicott, D. W. (1975) A localização da Experiência Cultural, in *O Brincar e a realidade* Ed.
Imago, RJ

Winnicott, D. W. (1975) O Uso do Objeto e Relacionamento Através de Identificações, in *O
Brincar e a realidade* Ed. Imago, RJ

Woolf, V. (2023) - Objetos Sólidos em Contos Completos. (Págs.. 115-122) Org. Susan Dick. Ed. 34
São Paulo.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

João Paulo Koltermann¹, Florianópolis, Santa Catarina

Resumo: Diversos autores psicanalíticos recorreram à literatura como fonte de inspirações para seus conceitos teóricos. Assim, a literatura desempenhou um papel importante, figurando e viabilizando novos pensamentos e expressões. No entanto, ainda não está claro como o texto literário pôde contribuir para o pensamento psicanalítico. Este artigo tem como objetivo explorar as características do texto literário que facilitam o surgimento de pensamentos em relação ao subjetivo. Assim, são discutidas as características saturadas e insaturadas que perpassam o pensamento psicanalítico, a postura do analista e o texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Psicanálise, Formação do psicanalista.

Introdução

A literatura tem uma grande importância para a psicanálise e já influenciou o pensamento de diversos analistas como Freud, Ernest Jones, Otto Rank, Melanie Klein, Thomas Ogden e outros (Ogden et al., 2012; Azevedo, 2019). Ela está presente na constituição de diferentes conceitos psicanalíticos, como do Unheimlich (Freud, 1919/2019b), do narcisismo (Junior, 2021), ou mesmo da Identificação Projetiva (Ogden, 2018). Além do mais, Freud é um exemplo na criação que perpassa a ciência e a arte literária (Rivera & Salum, 2011; Teixeira, 2005), este aspecto é evidente no estilo dos seus textos e em trabalhos como A Interpretação dos Sonhos (Freud, 1900/2019a), Gradiva de Jensen (Freud, 1908), Totem e Tabu (Freud, 1913/2013), e O Mal Estar na Civilização (Freud, 1930/2020).

1 Mestre em psicologia e psicanalista em Formação pelo Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC²) Endereço: Rua Joe Collaço, 418, Florianópolis, Santa Catarina, CEP: 88035200, Tel: (48) 9 96174262; jpjohnn@gmail.com.

2 Agradeço o apoio do GEP-SC. Trabalho apresentado na conclusão do primeiro ano de seminários da formação no GEP-SC.

No entanto, é difícil compreender como a literatura pode ter fornecido este auxílio para a formação de novas ideias.

A psicanálise muito provavelmente não seria a mesma sem o diálogo com as artes. Sobretudo, a literatura viabiliza um encontro integrador (Teixeira, 2005), evidencia uma experiência subjetiva em um formato objetivo e textual, e assim facilita a compreensão e ilustração de diferentes paradigmas psíquicos (Azevedo, 2019; Freud, 1900/2019b; Ogden, 2018; Ogden et al., 2012). Neste sentido, eu trago este inquietamente a respeito do que leva a literatura, esta forma de expressão humana através de textos, a nos ajudar a compreender o subjetivo junto com a psicanálise.

Alguns dos estudos que trabalham esta interconexão possuem a perspectiva de ‘psicoanalisar’ os textos literários ou mesmo seus autores, ainda assim, é possível escolher outros caminhos (Júnior, 2021). Busco defender uma posição de diálogo com o texto literário, em consonância com Rivera e Salum (2011).

Esta opção envolve compreender a experiência com o texto próxima a uma relação com um diferente, este que é desconhecido e que, neste contato, pode nos apresentar e representar partes nossas. Esta opção viabiliza um diálogo rico com alguns aspectos da psicanálise, mais especialmente das relações transferenciais junto ao Campo Analítico (Baranger & Baranger, 2014; Ferro & Civitarese, 2018) e aos processos da Identificação Projetiva (Ogden, 2018).

Neste sentido, o texto só existe na presença de um leitor e tem o potencial de revelar um mundo desconhecido que, muitas vezes, é receptáculo de projeções inconscientes do leitor. O contato com este ‘estranho literário’ dá a oportunidade de conhecermos uma parte de nossa própria alma secreta e infantil, uma investigação que Freud já nos propõe em diferentes trabalhos, como na Interpretação dos Sonhos (Freud, 1900/2019a) e no trabalho Escritores Criativos e Devaneios (Freud, 1908).

Frente a literatura, é possível reconhecer algumas evidências de sua importância para o pensamento psicanalítico, no entanto, é inquietante a obscuridade deste exercício. O que a torna significativa para o *insight*? O que é este estranho literário? Como é possível obter ganhos a partir deste espaço literário de experiência e conhecimento? Assim, com suas características conflitivas e exploratórias, o texto literário parece exigir um trabalho do leitor.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Buscarei defender a ideia de que o texto literário é capaz de introduzir conflitos – descritos ou não pela psicanálise (a exemplo do princípio de realidade, a onipotência infantil, o complexo de castração) – de uma forma a permitir a manutenção de um desconhecido permanente, isso é, a presença de um estranho que nutre um mundo fértil, criativo e encantador. É de grande valor esta combinação, em que ao mesmo tempo que há um processo de desilusão e de trabalho sobre o narcisismo, também há uma construção de um espaço fantástico e de infinitude, em que o impossível pode acontecer através da criatividade.

Essas questões levam à compreensão de que a experiência literária pode estimular um pensamento importante para o analista. No caso, um processamento que ocorre sem controle e compreensão inicial, e que envolve a dimensão emocional. Isso é, trata do quanto a literatura pode ser reconhecida como amparadora de um pensamento que ocorre nas liberdades de um espaço emocional e não simbólico, possivelmente inconsciente, e que com tolerância permite descobertas ao leitor. Tolerar esta experiência com a literatura pode ser um dos caminhos de ganho de insight e teoria que percebemos em diferentes autores.

O encontro com a literatura envolve conflitos e experiências que desafiam a nossa compreensão inicial da realidade e o nosso senso de onipotência (Além do Princípio de Prazer; Freud, 1920/2016). Não sabemos o que podemos encontrar, é uma experiência duvidosa, assim como o fazer analítico. No entanto, é uma experiência que pode ser revolucionária por introduzir novas visões sobre o mundo. Ao longo do texto, pretendo tecer um diálogo entre a literatura, os processos do desenvolvimento infantil (como projeção, identificação projetiva, ilusão, onipotência) e a técnica psicanalítica que reconhece a narrativa, o onírico e o Campo Analítico como ferramentas importantes para o pensamento analítico (Ferro & Civitarese, 2018; Grotstein, 2018).

A literatura como um estranho

A literatura não tem obrigações com a realidade do mundo tal como o conhecimento científico (Silva & Peruzzo, 2019). Ainda assim, é possível pensar que a literatura trata de um verdadeiro, de uma realidade psicológica, similar ao verdadeiro na psicanálise. Este verdadeiro está na experiência do sonho e na integração com o inconsciente.

O caminho analítico não está somente na interpretação do sonho, mas também na abertura a uma nova forma de compreensão junto ao onírico (Civitarese, 2016). Afinal, mesmo a ficção mais absurda conserva aspectos humanos, na própria impossibilidade do autor de fugir de sua circunstância existencial.

Como exemplo, é possível citar *O Inominável* (Beckett, 2009), *Os Cantos de Maldohor* (Lautréamont, 1868/2020) ou *O Som e a Fúria* (Faulkner, 1990) como obras que se aproximam do limite do tangível e ainda assim podemos encontrar nelas algo que nos toca.

A própria palavra conceito de Freud ‘das Unheimlich’ não pode ser traduzida, pois indica esta esfera do estranho, do desconhecido e do não familiar que pode ser encontrado na literatura e que carrega um caráter angustiante e assustador, difícil de tolerar (Soares, 2020).

Para elaborar a ideia do Unheimlich/infamiliar, Freud conta com uma referência literária, ele cita a obra ‘Homem da Areia’ de Hoffman (Unheimlich; Freud, 1919/2019b).

A partir de Freud, é possível compreendermos que o Unheimlich ocorre através da transmissão de processos psíquicos de uma pessoa para um outro, é um processo em que a pessoa passa por uma identificação e uma perda do domínio do Eu diante deste outro diferente. A criação deste outro diferente/estranho, pode chegar como uma defesa contra a destruição do Eu, afinal, nega a presença de certas partes de si mesmo e as aloca no outro, protegendo o Eu daquilo que é desconfortável, que estava evitado e reprimido.

Esta parte projetada neste outro muitas vezes trata de um íntimo, de um secreto e de um não domesticado da própria pessoa. Inevitavelmente, esta experiência exige uma ajuda externa, de um diferente de nós, um outro que pode receber estes fragmentos do Eu (Silva, 2016). Possivelmente, o texto literário pode se oferecer assim como um objeto, um estranho que é diferente e semelhante, uma dupla ao Eu que está à disposição deste jogo de descoberta de si mesmo do leitor.

Para facilitar o diálogo, é considerável diferenciar o texto que se propõe à distração, que tende a repetição e ao consumo, do texto que perdura ao longo dos anos e que contém, em suas limitadas páginas, infinitas reflexões. É neste ponto que se torna viável considerar Freud um literata, seu texto abriga reflexões que até hoje estamos descobrindo, até parece que emergem do desconhecido. Considero, em consonância a Azevedo (2019), que um dos pontos mais marcantes do texto literário é justamente o de ter uma experiência, uma relação com um corpo desconhecido, múltiplo, e que nada diz por si só.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Na literatura, mesmo com a possibilidade da distração, também há um estímulo à reflexão e ao pensamento, este parece possível com o texto que se permite ter lacunas e experiências emocionais que acompanham elementos indefinidos, como dúvidas e incertezas.

Além do Unheimlich, o texto que não fala tudo e trabalha com incertezas possui propriedades similares ao do sonho, podemos chamar estes aspectos de partes insaturadas do texto, tal como são descritos por Ferro e Civitarese (2018) no trabalho com o Campo Analítico.

Entre alguns autores contemporâneos que trabalham com o conceito de Campo Analítico, é notável a proposição que aponta para a importância da insaturação como um aspecto técnico para a realização de interpretações que dialogam com o inconsciente (Ferro & Civitarese, 2018). Com um texto insaturado, a compreensão não está limitada à dimensão objetiva do texto e pode contar com a participação do leitor.

Tal como no silêncio do analista o analisando pode ter um encontro consigo mesmo, no texto com características insaturadas há faltas ou lacunas em que pode haver um depósito de elementos internos ainda não integrados do leitor, justamente os elementos que nos trazem esta sensação do estranho-familiar (Unheimlich, Freud 1919/2019b). Afinal, é familiar, pois são partes nossas que reencontramos na leitura, mas é estranho, pois são partes reprimidas ou rechaçadas.

Assim, a arte literária parece ser capaz de estimular a sublimação e permitir que o sujeito passe a se (re)conhecer um pouco mais. O mundo literário se constrói com o auxílio do livro na intimidade e interior do leitor, é um encontro com um espaço mais profundo que viabiliza este fenômeno de estranhamento junto a um (re)conhecimento de si mesmo (Silva & Peruzzo, 2019).

Isso é, pode envolver um processo elaborativo de construção de símbolos e significados (Levine et al., 2017), em que a pessoa tem a chance de perceber, integrar e dar novas direções a esta parte reencontrada do Eu que antes estava negada. É com o movimento de estar junto a um diferente, de estar perante o desconhecido na sala de análise ou no texto literário, que temos a oportunidade de entrar em contato com os nossos próprios processos inconscientes.

Em parte, este fenômeno pode ser observado nas investigações literárias de Bruno Bettelheim (1976/2015) que teoriza a respeito da importância da literatura infantil para o desenvolvimento das crianças.

Na literatura, as crianças têm a oportunidade experienciar de uma forma mais segura, diferentes emoções estressoras que emergem na experiência com o texto. Em seu início, os contos de fadas se propunham a amedrontar enquanto divertiam, e geralmente tinham um final ansiogênico (Coutinho & Rodrigues, 2021).

Estas emoções são provocadas pelas circunstâncias do texto, manifestam-se na experiência e levam a criança ao encontro de conflitos e medos próprios, é justamente isso que torna o texto tão interessante, próximo e significativo. Dentre os conflitos, podemos pensar o encontro da criança com os aspectos do próprio narcisismo, com conflitos como do complexo de Édipo, complexo de castração e da manutenção da onipotência. Afinal, dificilmente escapamos do nosso narcisismo, este fundamenta a nossa experiência com o outro e conosco (Andreas-Salomé, 1921/2021).

Por tanto, é possível que a literatura seja um espaço potencial para explorarmos as nossas dimensões desconhecidas, através de processos de identificação, projeção e transferência, com os quais repetimos na busca de elaboração. Em maior ousadia, busco argumentar que a literatura pode ser compreendida como uma ferramenta útil ao analista para o mergulho no mundo desconhecido interno que, em soma à experiência da análise pessoal, viabiliza novas descobertas que poderão vir a ser narrativas teóricas.

Certamente, esta função da literatura vai depender da motivação do olhar e das competências do leitor, que pode ou não estar influenciado por um espírito investigativo e psicanalítico.

É difícil saber o quanto o leitor está aberto e disposto a encarar o desconhecido (Freud 1919/2019b), pois este pode ser uma ameaça ao nosso narcisismo onipotente (Ferenczi, 1913/1992a). O encontro com o estranho exigirá uma tolerância em relação à experiência emocional, e poderá permitir a insurgência de conflitos pendentes; exige-se coragem para a exploração do desconhecido.

Em parte, encarar o desconhecido é um movimento de desestabilização e reintegração do Eu. Esta é uma lógica bastante similar ao que Bion descreve a respeito de tolerar o todo ('O') como parte da conquista do conhecimento (Grotstein, 2018).

O pensamento através da literatura e a postura do analista

O encontro com o desconhecido parece ser incompatível com a onipotência narcisista, requer um trabalho subjetivo de reconhecimento de limitações, dificuldades, faltas e da necessidade do outro, um trabalho que é assustador e ameaça algumas defesas do Ego.

Desta forma, seguirei argumentando em favor da literatura como um alimento para a compreensão de nós mesmos e para a construção de teorias psicanalíticas, mas que requer um processo digestivo trabalhoso. Não podemos negligenciar a dificuldade desta jornada sem uma análise pessoal que auxilie no contato com os conflitos emocionais.

A literatura e as artes podem ser de fundamental importância para alimentar um vocabulário emocional necessário para a percepção de si mesmo e para a tolerância da alteridade, do ‘diferente de mim’, estranho e desconhecido. Excepcionalmente para os analistas, esta pode ser uma experiência importante para o exercício destes processamentos e tolerâncias internas que são necessárias para o fazer analítico.

O cuidado necessário é o de compreender que o pensamento através da literatura exige um aparelho mental disponível à vivência emocional que surge no encontro com um outro, como o texto literário, e dificilmente existirá por conta própria. O processo analítico me leva a acreditar que é necessariamente um fruto de construção coletiva, na análise pessoal e na troca com outros, com os ‘diferentes de mim’. Dadas as circunstâncias, a literatura parece ser uma boa direção de estudo para o conhecimento de si.

Com relação a teoria, seguirei argumentando a respeito de alguns processos na literatura que podem ajudar na percepção das transferências e dinâmicas subjetivas que atualmente fundamentam muitos elementos técnicos contemporâneos, como do Campo Analítico (Ferro & Civitarese, 2018).

Entre o saturado e o insaturado

Algumas características do texto literário são bastante pertinentes para que exercitemos as nossas percepções. Trago em destaque as características insaturadas do texto que, às custas da generosidade do autor, nos permite participar, tomar e utilizar do texto para os nossos próprios pensamentos.

Neste sentido, o texto pode se tornar uma leitura trabalhosa, por nos exigir coragem e elaboração. No insaturado, encontra-se o desconhecido, o ainda não definido, e esta tarefa de definição é justamente parte do trabalho psíquico do leitor.

Segue um trecho do terceiro canto de Lautréamont (1868/2020, p. 162):

Uma lanterna vermelha, estandarte do vício, suspensa na extremidade de uma vara, balançava sua carcaça, ao açoite dos quatro ventos, acima de uma porta maciça e carunchenta. Um corredor sujo, cheirando a coxa humana, dava para um pátio, onde procuravam seu alimento, galos e galinhas, mais magros do que suas asas. No muro que servia de cerca para o pátio, e situado a oeste, haviam sido parcimoniosamente feitas diversas aberturas, fechadas por um postigo gradeado. O musgo cobria aquela parte central do edifício, que, sem dúvida, havia sido um convento, e servia atualmente como o restante da construção, de morada para todas aquelas mulheres que mostravam diariamente, aos que entravam, o interior de sua vagina, em troca de um pouco de ouro.

No início desta descrição, qual imagem veio à mente? O que a carcaça, vara, o corredor e as galinhas magras fizeram pensar? Percebe-se uma série de elementos, que podem chamar mais atenção para uns que para outros, que podem aludir a diferentes imagens, ainda mais quando não temos a imagem completa da descrição. Pode-se pensar sobre uma cidade antiga, sobre um espaço abandonado, sobre a ameaça de canibais e da fome.

Assim como, remete-me a um espaço que restava, que ninguém queria, um antigo convento (com ironia) que era usado para práticas específicas de sobrevivência. Fome? Sexo? O autor poderia ter falado logo que espaço é este, mas isto seria um roubo para a nossa imaginação, uma perda da magia. É justamente a insaturação, a figuração não restrita, que permite surgir o conflito e o pensamento.

Assim, o texto se produz de forma insaturada, não é definido imediatamente sobre o que se fala, não está explícito e nem dito, mas é compreensível, ainda mais em um plano mais emocional. Fome, medo, desconforto, cada leitor pode se conectar com elementos distintos e completá-los com fantasias próprias.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

O mistério do autor é justamente o nosso deleite para participar da escrita e usar a nossa imaginação. Mas para aquele que se sente muito ameaçado ou demasiadamente empobrecido, estas seriam somente palavras soltas e que poderiam ser muito bem sintetizadas por uma descrição mais objetiva, tal como com a afirmação ‘lá estava ele num prostíbulo’. Percebe-se assim um insaturado que pode ser enriquecido com o nosso, e um saturado que conclui, que afirma indo direto ao ponto.

O insaturado assume a dúvida e viabiliza um contato com o desconhecido, já o saturado alude a uma realidade mais rasa e faz crer em uma ausência de conteúdos mais profundos. Não é como se um fosse melhor que o outro, mas são fenômenos com possibilidades distintas.

Um texto demasiadamente saturado nos obrigará a certas conclusões e não deixará espaço para que participemos da construção do pensamento. Neste sentido, a experiência com o saturado pode ser mais aliviada, pois temos que lidar com menos suspenses, menos riscos, tensões e resistências (que estão atreladas ao desconhecido). Muitas vezes, estes textos também estão associados a mecanismos de defesa infantis que confirmam ilusões preexistentes (como da onipotência; Além do Princípio de Prazer; Freud, 1920/2016). Também, tal saturação provoca uma realidade (interna e externa) rasa, o que se evidencia na baixa longevidade destes materiais, é um exercício de recalçamento de todo material que se difere da versão apresentada. O texto é o que é, e nada mais. Assim, o contato eminentemente saturado, que só existe na negação do desconhecido, pode resultar em um mundo empobrecido e desencantado.

Por outro lado, os textos com características mais insaturadas, assim como o texto freudiano, possuem a capacidade de demonstrar o fenômeno com conclusões parciais e não totais, de forma que o leitor é convidado a participar do pensamento. Notável, assim, a longevidade e atualidade destes textos, mesmo que escrito há muitos anos. Se somos capazes de atravessar as resistências para o encontro com o nosso profundo que aparece no meio insaturado, temos a oportunidade de – a cada leitura – encontrar uma experiência nova que denuncia, da mesma forma, a mudança que experienciamos naturalmente com o dia a dia e o envelhecer. Na insaturação e incompletude, o texto nos permite projetar uma parte nossa para completá-lo e, nesta troca, descobrimos mais do nosso mundo interno e subjetivo.

Contudo, o texto também se torna mais abstrato, exigente e cansativo, não sendo viável para todo mundo ou para qualquer momento.

Este raciocínio está presente de diferentes formas no desenvolvimento teórico da psicanálise. É possível reconhecer esta dinâmica na primeira tópica freudiana, com o contraste entre a parte consciente e inconsciente da mente (Garcia-Roza, 1987). Neste sentido, assume-se que onde há instauração, ou aquilo que escapa à consciência, há inconsciente.

Ainda assim, a maior aproximação com o raciocínio ocorre com a ideia de Campo Analítico (Baranger & Baranger, 2014; Ferro & Civitarese, 2018), em que se assume uma intersubjetividade diante de diferentes fenômenos, como de identificação, introjeção, projeção e transferência (Grotstein, 2018). O trabalho no campo necessariamente implica a própria realidade interna do analista para a compreensão do paciente e da relação que é estabelecida no encontro destas duas mentes (Ferro & Civitarese, 2018).

Não obstante, a proposta de Campo Analítico é um desenvolvimento que parte do conceito de Transferência e Identificação Projetiva que surgem, por sua vez, em diálogo com a literatura. Notável que a descrição moderna do conceito de transferência surge antes de Freud nos textos da série 'em busca do tempo perdido' de (Proust, 1913/2017), em que o passado permanece vivo nas relações atuais das personagens (Poland, 1992). De forma similar, frente o romance de Julien Green "If I Were You" (Green, 1949), Ogden (2018) traz que Melanie Klein observa no enredo a narrativa de uma personagem que se vê com o poder de se projetar e entrar no outro, mas no processo, a personagem perde noção de quem realmente ela é. Assim, Ogden (2018) explica como Klein, junto a própria genialidade, sensibilidade e experiência clínica, inicia a conceituação da Identificação Projetiva (Ogden, 2018; Azevedo, 2019).

Novamente a questão, o que há nesta literatura que ajuda no processo de conhecimento do subjetivo? Tal como fica evidente a presença das fantasias (como da onipotência) nas nossas dinâmicas inconscientes e intersubjetivas, é provável que este estranho literário seja uma das ferramentas que podemos ter na investigação do fenômeno subjetivo e inconsciente. Em parte, é com a perspectiva do Campo Analítico que nos aproximamos do outro e o sentimos para compreendê-lo e percebê-lo, assim, parece impossível perceber o diferente sem uma percepção aguçada e profunda de nós mesmos.

A exploração através da literatura pode nos permitir um aprofundamento em relação a nós mesmos e, por mais incerto que possa parecer, é um passo significativo para o fazer analítico que se propõe a trabalhar com a incertitude do inconsciente (intraprésíquico), a proposta do Campo Analítico e da intersubjetividade. O mesmo aspecto está ilustrado na importância da análise didática para a formação analítica, o conhecimento sobre os próprios processos internos não deve ser menosprezado para viabilizar o trabalho com o outro.

Retomando o contraponto, o encontro com o insaturado não é um exercício simples ou fácil. Há de ter uma disponibilidade e um conhecimento profundo de si, para ser capaz de permitir se identificar com os textos e as pessoas ao redor. Em alguns casos, assumir a humanidade e a identificação com personagens vilões pode ser uma atividade assustadora. O estranho que chega como partes ainda não aceitas por nós mesmos pode oferecer a maior experiência de resistência. Os fenômenos ocorrem, mas a percepção deles exige um aparato sensível e afinado.

Por um lado, só é possível ver o real se abdicamos das ilusões, e por outro eu só vejo o estranho/diferente na medida que eu estou aberto ao encontro de um correspondente no meu próprio subjetivo. Estes processos são amplamente discutidos nos pensamentos a respeito do narcisismo (Andreas-Salomé, 2021; Ferenczi, 1913/1992a). Reconhece-se que uma abertura para com este Eu profundo, que me é desconhecido e que pode ser encontrado através dos desconhecidos da literatura, também poderá resultar em uma abertura para com este “diferente de mim” que é complexo, potencialmente estranho e desconhecido para mim.

Não obstante, este processo vai depender da facilidade com que o analista consegue abandonar a certeza de quem é, do Eu atual, para redescobrir-se perante o próprio desconhecido. Para abrir mão das certezas e ilusões exige-se um ato de coragem, pois o desconhecido pode assustar e dar medo, como também um ato de fé, um dos recursos que podemos ter diante do desconhecido (Grotstein, 2018). Neste sentido, inicialmente só existem pistas, somente com a fé (como um salto ou uma espera) que nós podemos entrar em contato com o que desconhecemos, que muitas vezes somos nós mesmos.

Um risco que persiste na desilusão precoce é o de ameaçar a existência do Eu que se defende pois está fragilizado, e assim ameaçar o mundo que depende deste Eu. Incitar um estranho que ainda não pode ser acolhido, ou tolerado, pode levar a construção de um mundo assustador, pessimista ou excessivamente desencantado.

Talvez seja esta a experiência nos textos de terror e horror. Acredito que podemos observar o efeito deste excesso na pulsão de morte freudiana (Além do Princípio de Prazer; Freud, 1920/2016; A criança mal acolhida; Ferenczi, 1913/1992b).

De forma semelhante, Winnicott (1982/2000) descreve que se há falhas na adaptação da criança ao ambiente, isso é, na nivelção da quantidade de desilusão ou de estranho, o Eu verdadeiro se protege com um falso *self*. Esta é uma proteção que ocorre através de processos de ilusão, justamente para preservar a continuidade deste ser que está fragilizado - somente com o eu verdadeiro será possível o início do teste de realidade (Winnicott, 1982/2000).

Assim, a combinação potencialmente perigosa é a da desilusão da onipotência infantil junto a um pensamento saturado. Nessa combinação há a remoção da defesa sem a construção da capacidade de amparar o desconhecido. A melhor alternativa é a da desilusão da onipotência, mas sem o desencantamento do mundo, este pode ser alcançado com uma construção respeitosa de tolerância dos limites pessoais, do nosso saber e com o reconhecimento de um desconhecido permanente, até em nós mesmos. O mundo encantado é este mundo em que ainda temos muito que aprender sobre ele. Para Löwy (2019), o reencantamento é uma ideia revolucionária e que se exerce através da imaginação. De certa forma, é preciso de um investimento suficiente sobre o Eu para que a pessoa tenha condições de aceitar as ameaças da exposição e sustentar um Ego capaz, apesar de um desconhecido constante (Ferenczi, 1913/1992a). Quando bem-sucedido, este balanço mantém o encantamento sem sucumbir à ilusão ou a um pessimismo (que pode negar e temer o desconhecido). Então, a literatura apresenta uma solução inesperada, um mundo desiludido e encantado, nos deparamos com o outro e o estranho, mas ainda assim contamos com o recurso da imaginação e da criatividade, seja o nosso próprio ou o do autor do texto.

Sobre o processamento do desconhecido

No texto a Interpretação dos Sonhos, Freud (1900/2019a) comenta de pensamentos ocultos que poderiam existir por trás dos sonhos. A partir desta ideia, Freud pontua a existência de um processo inconsciente de pensamento que envolve dois aspectos diferentes, ‘pensamentos do sonho’ e ‘conteúdos do sonho’.

Nesta dimensão inconsciente, ambos estes elementos se apresentam com uma multiplicidade, podendo estar sobredeterminados e deslocados. Assim, este pensamento oculto descrito por Freud é um processo de pensamento muito mais livre que a ordenação consciente – aspecto que Freud vai abordar na primeira tópica – e envolve conteúdos latentes que podem ser acessados na associação livre. Enquanto o consciente possui limitações de ordem e temporalidade (Ricoeur, 2012), a dimensão do desconhecido e do inconsciente não precisam obedecer a estes arranjos, sendo possível um pensamento sobredeterminado, deslocado, atemporal, concomitante, ambivalente e, muitas vezes, inesperado (Garcia-Roza, 1987).

Assim, parece haver benefícios distintos no pensamento consciente e inconsciente. O primeiro facilita a comunicação e a organização de teorias, enquanto que o segundo pode nos levar ao encontro de um aspecto ainda mais profundo e desorganizado que, provavelmente, nunca terá uma ordem plena. Então, também estamos falando de um exercício de pensar mais integrado em que, além do pensamento consciente, ocorre de forma mais abstrata e inconsciente. Propriamente, um retorno ao onírico e a capacidade de sonhar para elaborar as nossas experiências (Civitarese, 2016).

Em um sentido semelhante, Ogden et al. (2012), apontam para a possibilidade de três tipos de pensamentos com características distintas, ainda que nunca puros, o pensamento mágico, onírico e transformativo. Estes pensamentos agrupam uma multiplicidade de formas diferentes de processar a realidade. Em geral, o pensamento envolve o conflito de diferentes partes em uma dialética entre o consciente, inconsciente e a experiência emocional. O mais inusitado, novamente, é que na própria descrição de Ogden do que o levou a pensar no 'pensamento transformativo' envolve uma experiência literária, ele conta que elaborou o conceito a partir de uma cena descrita em um livro (Ogden et al., 2012).

Sobretudo, acredito que seja importante reconhecer que o pensamento através da literatura pode ocorrer em nível inconsciente, impactando a experiência literária do leitor, tal como evidenciando limitações e dificuldades. Também, acho importante evidenciar que o pensamento é um exercício ativo, a leitura de um texto pode ocorrer com uma atenção maior ou menor à elaboração e às nossas angústias.

É possível que a diferença esteja na intenção e posicionamento do analista, que é capaz de sustentar uma tensão muitas vezes desprazerosa ('O' em Bion) para o trabalho elaborativo (Grotstein, 2018). Para Virginia Ungar (2008), a tolerância do desconhecido é um dos principais componentes de uma atitude analítica.

Não sendo um processo passivo, é possível reiterar a ideia de uma parte consciente no pensamento onírico, afinal, mesmo que próximo aos sonhos e ao inconsciente, é um pensamento que exige uma postura ativa de tolerância e abertura. Um aspecto precioso do pensamento através da literatura é que ele abriga um exercício da capacidade de brincar (Freud, 1908), de sonhar e da formação dos símbolos, aspectos importantes para a prática clínica (Levine et al., 2017; Ogden, 2007).

Este pensamento parece uma ferramenta que pode ser conquistada pelo analista depois de um certo trabalho, pois vai de encontro a muitos desafios. Diante do novo, estamos na necessidade constante de nos redescobrimos e nos reintegrarmos. Por outro lado, aquilo que não for tolerado para que emergja na dupla com o analista ou o com o estranho literário estará fadado às profundezas, justamente onde poderá continuar em uma espécie de fermentação que impacta – ainda que sutilmente e às cegas – a realidade do dia a dia com repetições.

A direção de tratamento muitas vezes eleita pela psicanálise parece ser justamente a de permitir e construir com o *setting* um espaço propício para que essas realidades, por mais assustadoras que sejam, emergjam e sejam compreendidas e reintegradas. Uma ilusão tentadora é a de acreditar que as coisas não existem até que elas sejam visíveis, é uma ilusão pois o que aparece no vazio são aspectos que já existem, ainda que não reconhecidos, em forma recalçada ou em acúmulos emocionais muitas vezes não simbólicos (Levine et al., 2017) que, com a dupla, encontra a chance de se manifestar e de serem alfabetizados. Esta é a importância do espaço insaturado no setting analítico e do exercício necessário para a manutenção desta postura de abertura com o desconhecido. Como analista, trabalhar com o espaço insaturado é permitir que o paciente nos use como este estranho de si mesmo (Winnicott, 1982/2000).

Tal como é exigente com o analista, o insaturado também pode ser de grande dificuldade e resistência por parte do paciente. Por tanto, muitas vezes cabe uma sensibilidade do analista para nivelar o quanto de insaturado é suportado, o quanto de desconhecido é possível sem ameaçar em demasia este que nos encontra.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Aquele que tem muitas resistências, possivelmente vai ter altos gastos energéticos, desprazeres significativos e uma experiência ameaçadora frente a uma realidade demasiadamente estimulante pela falta.

Assim, mesmo que o objetivo final seja o encontro com o profundo, também é improdutivo para o tratamento a intensidade exagerada diante de um “organismo mente” fragilizado. Diante desta questão, temos o recurso do saturado, com uma interpretação saturada é possível colocar luz às coisas e manter distante, ainda que momentaneamente, às trevas desconhecidas de nossas profundezas. Este é um recurso de cuidado, de tornar o insaturado em saturado, que pode ocorrer com a interpretação e produzir um efeito aliviador (A função continente da interpretação; Schestatsky, 1990).

Basta a gente se expor em um espaço com ausência suficiente para percebermos nós mesmos completando este espaço – o que nada indica esta ser uma tarefa fácil. Na análise, o analista se torna este outro receptáculo de afetos soltos que são transferidos para ele. A questão não é a ocorrência deste processo, mas o quanto ainda nos iludirmos em acreditar que o que vemos é definitivamente uma verdade concreta, e que pode nos enganar com a ideia de que não existe o desconhecido. Certamente, sem esta ilusão, cada vez mais poderemos nos encontrar com uma complexidade genuína e um mundo mais encantador.

Conclusão

Nesta elaboração, alguns pontos cabem ser destacados. Argumenta-se que frente a literatura temos um contato com um diferente que pode nos ajudar a perceber aspectos estranhos de nós mesmos. Estes aspectos podem ser partes nossas que ainda não reconhecemos como nossas. Este processo exige o enfrentamento de ilusões e de defesas, que atuam justamente nos afastando dessas partes. Com a postura adequada, o desconforto com este estranho pode nos ajudar a descobrir perspectivas e elaborar aspectos novos para nós mesmos. Neste sentido, surge a possibilidade de um pensamento valioso, pois ele pode ajudar na descoberta e criação de novos mundos e encantos. Ele é viabilizado por um Ego capaz e tolerante que precisa ser exercitado através da análise pessoal e do contato com o estranho.

Assim, a literatura com características insaturadas surge como um exercício de exploração complementar, para descobrir ainda mais os estranhos que nos habitam e expandir nossa capacidade de tolerar e abrigar o desconhecido.

Referências

- Andreas-Salomé, L. (2021). *Narcisismo como dupla direção (original de 1921)*. Porto Alegre: Artes e Ecos.
- Azevedo, M. J. M. (2019). Psicanálise e criação literária. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 39(2), 74–78.
- Baranger, M., & Baranger, W. (2014). The analytic situation as a dynamic field1. In *The Pioneers of Psychoanalysis in South America* (pp. 21–60). Routledge.
- Beckett, S. (2009). *O inominável*. Globo. <https://books.google.com.br/books?id=kXm0PgAACAAJ>
- Bettelheim, B. (2015). *A Psicanálise dos Contos de Fadas (original de 1976)*. Editora Paz e Terra.
- Campbell, J. (2004). *The Hero with a Thousand Faces*. Princeton University Press. <https://books.google.com.br/books?id=HhFjQgAACAAJ>
- Civitarese, G. (2016). *Truth and the Unconscious in Psychoanalysis*. Routledge.
- Coutinho, S. E. G., & Rodrigues, E. M. (2021). Diálogo entre Literatura e Psicanálise: Contribuições dos Contos de Fadas no Desenvolvimento Infantil. *Revista Científica Novas Configurações–Diálogos Plurais*, 2(3), 15–28.
- de Lautréamont, C. (2020). *Os cantos de Maldoror (original de 1868)*. Iluminuras. https://books.google.com.br/books?id=YH_oDwAAQBAJ
- Faulkner, W. (1990). *The Sound and the Fury: The Corrected Text*. Vintage Books. <https://books.google.com.br/books?id=kEGpwwEACAAJ>
- Ferenczi, S. (1913/1992a). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. _____. *Sándor Ferenczi: Obras Completas, Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 39–54.

O pensamento através da literatura e a postura do analista

Ferenczi, S. (1913/1992b). *Obras completas: Psicanálise IV.. (N.p.): (N.p.)*. (Issue v. 4). Martins Fontes.

Ferro, A., & Civitarese, G. (2018). *The analytic field and its transformations*. Routledge.

Freud, S. (1908). “ Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. In “ *Gradiva” de Jensen e outros trabalhos* (pp. 281–281).

Freud, S. (2013). *Totem e tabu (original de 1913)*. L&PM Pocket.

Freud, S. (2016). *Além do princípio de prazer (original de 1920)*. L&PM Editores.

Freud, S. (2019a). *A interpretação dos sonhos (original de 1900)*. L&PM Editores.

Freud, S. (2019b). *O infamiliar [Das Unheimliche]–Edição comemorativa bilingue (1919-2019): Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann*. Autêntica.

Freud, S. (2020). *O mal-estar na civilização (original de 1930)*. Cienbook.

Garcia-Roza, L. A. (1987). *Freud e o inconsciente*. Zahar.

Green, J. (1949). *If I Were You*. Harper. <https://books.google.com.br/books?id=2uAVAAAAMAAJ>

Grotstein, J. S. (2018). *A beam of intense darkness: Wilfred Bion’s legacy to psychoanalysis*. Routledge.

Junior, N. C. P. (2021). Das relações entre literatura e psicanálise: Freud, Sófocles e o início de uma tradição interdisciplinar. *Trem de Letras*, 8(2), e021012–e021012.

Levine, H. B., Reed, G. S., & Scarfone, D. (2017). *Estados não representados e a construção de significado: Contribuições clínicas e teóricas*. Editora Blucher.

Löwy, M. (2019). *A estrela da manhã: Marxismo e Surrealismo*. Boitempo Editorial. <https://books.google.com.br/books?id=aV7GDwAAQBAJ>

Merleau-Ponty, M. (1971). *O visível eo invisível (Vol. 40)*. Editora Perspectiva.

Ogden, T. H. (2018). *Projective identification and psychotherapeutic technique*. Routledge.

Ogden, T. H., François, Alain, & Muszkat, S. (2012). Sobre três formas de pensar: O pensamento mágico, o pensamento onírico e o pensamento transformativo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46, 193–214.

Poland, W. S. (1992). Transference: “An original creation.” *The Psychoanalytic Quarterly*, 61(2), 185–205.

João Paulo Koltermann

- Proust, M. (2017). *Em busca do tempo perdido (original de 1913)*. Dyalpha.
<https://books.google.com.br/books?id=tc9sPAAACAAJ>
- Ricoeur, P. (2012). Entre tempo e narrativa: Concordância/discordância. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 53, 299–310.
- Rivera, T., & Salum, L. K. (2011). Em busca do tempo: Interpenetrações entre psicanálise e literatura1. *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos*, 31–45.
- Schestatsky, S. (1990). A Função Continente da interpretação. *Revista de Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, vol. 12, n 3, pp. 148–153.
- Silva, C. R. T. da, & Peruzzo, P. P. (2019). A literatura como direito humano. *ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura*, 5(2), 515–538.
<https://doi.org/10.21119/anamps.52.515-538>
- Silva, R. L. (2016). Precisamos falar sobre o outro. O outro em mim, o outro na cidade, o outro que mora ao lado e tantos outros. *Arq. Urb*, 17, 137–149.
- Soares, J. (2020). O infamiliar [Das Unheimliche]—Uma edição crítica à sua maneira. *Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, 22(1), 4–4.
- Teixeira, L. C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, 9(16), 115–132.
- Ungar, V. (2008). A transferência em sua perspectiva clínica. *Jornal de Psicanálise*, 41(75), 243–258.
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas (original de 1982)*. Imago.
<https://books.google.com.br/books?id=9HJyAAAACAAJ>

Soul – Um cante a palo seco

Helena Di Ciero¹, São Paulo

Resumo: O trabalho traz um recorte de um atendimento analítico marcado pelo silêncio do paciente e por aspectos de desvitalização, diante dos quais a analista busca por metáforas literárias e musicais como forma de compreensão do mundo interno do paciente e como recurso para estabelecer vínculo e diálogo com o mesmo. Passando pelos referenciais teóricos de Bion, Anne Alvarez e Ogden, a analista discorre sobre as angústias contra transferenciais desse árduo atendimento e compara o trabalho do psicanalista à experiência do improviso no jazz.

PALAVRAS-CHAVE: O paciente de difícil acesso; Clínica Psicanalítica, Formas de Desvitalização; Ogden; Anne Alvarez.

SOUL

Um cante a palo seco

*Cante a Palo Seco
Se diz a palo seco
o cante sem guitarra;
o cante sem; o cante;
o cante sem mais nada;
se diz a palo seco
a esse cante despido:
ao cante que se canta
sob o silêncio a pino.
O cante a palo seco
é o cante mais só:*

1 Rua Caçapava 49 cj22, cep-01408010, São Paulo SP, Telefone: 11981796666
email - hcdiciero@gmail.com

*é cantar num deserto
devassado de sol;
é o mesmo que cantar
num deserto sem sombra
em que a voz só dispõe
do que ela mesma ponha.
O cante a palo seco
é um cante desarmado:
só a lâmina da voz
sem a arma do braço;
que o cante a palo seco
sem tempero ou ajuda
tem de abrir o silêncio
com sua chama nua.*

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

“No meio de uma apresentação com Miles Davis, eu toquei esse acorde, que saiu muito errado. Eu achei que tinha estragado tudo e reduzido aquela noite incrível a escombros. Miles respirou e tocou algumas notas, e fez meu acorde parecer certo... Eu julguei o que havia tocado, Miles não. Ele fez o que qualquer músico de jazz deveria fazer – transformar qualquer coisa que aconteça em algo de valor.”

HERBIE HANCOCK²

Improvisos

Há algo no trabalho do analista que tem o mesmo improviso do jazz, pensei, ao ler no jornal esse trecho da crítica do novo filme, *Soul*, produzido pela Walt Disney e Pixar. E em seguida me lembrei da contribuição de Bion em seu trabalho de 1979: “Como tornar proveitoso um mau negócio”.

2 Trecho disponível no artigo “Soul traz o primeiro protagonista negro da Pixar em trama de jazz e pós-vida”, de Leonardo Sanchez sobre o filme *Soul*, para a Folha de São Paulo em 23/12/2020. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/soul-traz-primeiro-protagonista-negro-da-pixar-em-trama-sobre-jazz-e-o-pos-vida.shtml>

Soul – Um cante a palo seco

Neste, o autor descreve que há uma musicalidade na tempestade emocional entre duas pessoas, que deve ser ouvida pelo analista, trazendo uma mudança psíquica na sessão.

Rubem Alves descreve o processo de análise através de uma metáfora musical, imagem ricamente descrita no texto “Pôr-da-lua”, no qual compara o trabalho do psicanalista com o de um pianista:

O pianista lê a partitura silenciosa, deixa ser possuído por ela e, possuído, ele a interpreta ao piano: realiza-a como música, tornando sensível a beleza. Pois nós somos partituras, que nós mesmos não sabemos interpretar. O ofício do psicanalista é o ofício do artista: ele lê a partitura misteriosa que nós mesmos não entendemos, e interpreta-a para que, ouvindo a nossa própria beleza, sejamos por ela liberados. (2001, p. 206)

Contudo, até chegar num momento em que a música faça sentido, é preciso acertar o passo com o paciente. E, nesse movimento, há algo que muitas vezes é desgastante para o analista, pois envolve uma dose de perseverança e questionamento sobre a forma em que o atendimento se dá, sobre as maneiras de alcançar o paciente, de se fazer ser ouvido e tocá-lo de tal forma que as interpretações ressoem de forma menos descompassada e mais melódica.

Não é fácil ser o analista que cada paciente precisa que sejamos – rememorando a fala de Ogden em *Essa arte da Psicanálise* (2006³). Adaptar-se ao ritmo de cada um é uma árdua tarefa. Por vezes, percebo que somos confrontados com certas verdades psicanalíticas que simplesmente não funcionam com todos os pacientes. E nesses momentos a técnica precisa de mais flexibilidade.

3 “O analista precisa aprender sob nova ótica, como ser o analista de cada paciente em cada sessão” (OGDEN, 2006, p. 177).

Helena Di Ciero

Do improviso do jazz, do molejo do samba, permitindo-se reler e recriar as referências clássicas, como numa Bachiana Brasileira de Villa-Lobos, ou num tango de Piazzola.

Andreucci, J. descreve ricamente esse processo por meio de uma imagem da natureza:

As vinculações teóricas, usando uma metáfora, representam, para mim, o galho da árvore que a lagarta se apoia para formar seu casulo e, daí transformada em borboleta, voar pela amplidão em busca de novos horizontes, símbolos de novas ideias, de aberturas desconhecidas. (p. 194, 1986)

O caso que apresento neste trabalho requer boas doses de coragem para a metamorfose e mais outras boas doses de liberdade para o improviso, pois a situação colocada é das mais desafiadoras para o psicanalista: o silêncio quase absoluto do paciente. Como encontrar a musicalidade de uma análise em que o paciente não fala? Como ler a partitura do silêncio?

O que colocarei a seguir é um manejo clínico incomum. Contudo, inspirada no texto “As delinquências secretas de uma analista” de Joyce Schlochower (2010) – que reúne uma série de confissões de analistas sobre suas incertezas, inseguranças e lapsos – sigo em frente, dando voz nesse primeiro momento às angústias contra transferenciais da analista. Convido então o leitor à primeira delinquência desse relato, transcrevendo uma conversa telefônica que tive com o psiquiatra de João, após o aumento de seu antidepressivo:

– Sinceramente, não sei se o ajudo. Às vezes acho que não. João quase não fala, tem muita dificuldade em se abrir, já faz tantos anos que estamos juntos e percebo que muitas vezes eu preencho seu silêncio contando-lhe histórias. Muitas parecem aleatórias mesmo. Histórias que acho bonitas, livros que li, filmes... Me sinto engordando a sessão, atuando.

Soul – Um cante a palo seco

No começo chegava a ficar uma sessão inteira em silêncio junto a ele, aguardando algum movimento espontâneo, esperando sua associação livre. Passei anos na expectativa de seu primeiro passo. O tempo custava a passar. Os barulhos de fora, da rua, do prédio, conseguiam ser mais altos que os de dentro da sessão... Como o atendimento é feito virtualmente, o silêncio parece mais pesado ainda. Por vezes, desligo a sessão me perguntando se estou atuando, falando demais... Ou desestimulando-o, falando de menos... Fico tentando entender por que ele não sai desse lugar silencioso. Acho que o atendimento não está funcionando, tenho vontade de desistir. Mas vou seguir buscando formas de ajudá-lo.

Trata-se de um rapaz de trinta e poucos anos, artista plástico, muito inteligente. Relata que sofre de depressão já há algum tempo, desde que saiu do país (não mora no Brasil). Sofre de insônia e não sente prazer em nada. Em seus atendimentos frequentemente me sinto sozinha, naquele bar no deserto descrito por Bolognini, esperando que as palavras do paciente surjam para que eu possa lhe oferecer algo refrescante. Mas o deserto prevalece. Em muitos momentos me sinto só, com sede de compreendê-lo, aguardando-o se manifestar. Numa espera densa e longa.

Só fica

o deserto.

Um ondulado

deserto.

GARCIA LORCA

Helena Di Ciero

De acordo com Ogden, “o sentimento de vitalidade e de desvitalização da transferência-contratransferência é, talvez, a medida mais importante do que ocorre a cada momento no processo analítico” (2006, p.176).

Às vezes sinto que estamos brincando de “vivo ou morto” durante a sessão (uma brincadeira antiga de criança que consistia em despertar o outro de um estado adormecido). Persisto nessa tentativa de despertá-lo desse estado desvitalizado. Noto que esse estado amortecido se alterna entre nós dois. Há momentos em que me percebo uma analista morta, incapaz de despertá-lo de seu silêncio. Em outros, me encontro viva novamente, me esforçando para extrair algum som do paciente. Mas o fato é: são raros os momentos durante o atendimento em que estamos os dois vivos. Ora eu me sinto desaparecendo, ora o vejo sumindo.

Marion Minerbo (2019) descreve a depressão como uma espécie de desempoderamento generalizado. A fala da pessoa deprimida é marcada pela impotência, uma sensação de não dar conta da vida. E essa vida perde o sentido e a cor. A luz do sol incomoda, não aquece ou ilumina, a comida não apetece ou se torna um refúgio da falta de apetite pelo mundo externo. Há também uma alteração importante no ciclo do sono: a insônia se faz presente, há uma dificuldade de concentração, de sair da cama e fazer coisas simples. Nada é prazeroso, tudo é feito com muita dificuldade, movimentar-se é custoso tanto física quanto psiquicamente.

Somado a esse aprisionamento, há também um sentimento de vazio. Nada toca, é como se parte de nós estivesse tomada por um estado de escuridão constante, uma dificuldade de concentração, uma espécie de anulação, acompanhada por uma ansiedade crescente e um terror. Luiz Fernando Roriz, num comovente Ted Talk sobre o assunto, descreve essa sensação angustiante como “um sentimento de falta de sentimento”.

Soul – Um cante a palo seco

Também no livro *O demônio do meio-dia*, o psicólogo clínico e professor da Universidade de Columbia de Nova York, Andrew Solomon, relata seu encontro com a depressão como um encontro com o demônio, e relata:

“O oposto da depressão é a vitalidade, e não a felicidade. E o sinônimo de falta de vitalidade é a morte.”

Acredito que com João me sinto assim, em muitos momentos, sem força, impotente, semiviva. Algo do próprio paciente que é colocado em mim via identificação projetiva⁴. E talvez por isso fique tão angustiada, por tratar-se um sentimento que é tão escuro e aterrorizante.

Nesses momentos, para me revitalizar e me encorajar a despertar João, relembro-me de Anne Alvarez: “uma criança estava brincando com um ursinho e pouco a pouco vai se desanimando, e o brincar vai se tornando automático e desanimado. A mãe se aproximou da criança, brincou um pouquinho com seu ursinho, e em seguida seu brincar ficou novamente mais vivo...”
(1994, p.73)

Nesse texto a autora descreve que a estimulação eleva a criança a um nível de prazer, surpresa e encantamento. Esse tem sido meu esforço com João, tentar fazer com que de alguma forma ele reencontre algo que o revitalize e o desperte desse estado tão frio.

4 A identificação projetiva na perspectiva de Klein consiste em expelir partes do self e projetá-la em outra pessoa. A autora descreve como sendo um ataque anal a um objeto por forçar partes do Ego no outro. Tal mecanismo de defesa teria diversas funções, uma delas, de acordo com Bion, seria a comunicação, isto é: “Introduzir no outro um estado mental como meio de se comunicar com ele a respeito deste estado” (HINSHELWOOD, 1992, p. 199).

Helena Di Ciero

João

João não se atrasa quase nunca, me cumprimenta sempre com doçura. Nas poucas vezes em que o vi pessoalmente, me abraçou forte na hora de partir. Lembro de ter me surpreendido com a força de sua entrega nesse ato, e sua espontaneidade. Sua forma de abraçar não combinava com a falta de contorno que sinto durante nossos encontros. Embora João careça de palavras, revela sua fome de compreensão em sua aderência e assiduidade ao nosso trabalho.

Nas sessões, há entre nós um silêncio tão denso que o chamo muitas vezes numa tentativa de despertá-lo. Não é fácil. Sinto-me só nesse deserto de palavras que fica entre nós dois. Suas respostas são sempre curtas, monossilábicas.

– *Olá, tem alguém aí?*

Um sorriso que nem sequer mostra os dentes, olhos espremidos – uma mudança de feição. João está, mas segue calado.

Diversas vezes, durante a sessão, a imagem de Virginia Wolf entrando no rio com os bolsos cheios de pedras me visita. Nesses instantes, me assusto e o convoco com delicadeza, indagando-lhe sobre o que se passa em sua mente. Ele sempre me responde: “nada”.

– *De que nada estamos falando?*

Silêncio.

Numa dessas sessões, uma canção de Bebel Gilberto me invade a mente, repetidamente, como um pássaro voando a procura de um galho para pouso:

After all, all I have in my mind, is just silence all around.

Shades of blues swimming in the moon

Counting the stars all around

Soul – Um cante a palo seco

*A thousand times I have tried to find
Pieces of dreams, visions and sounds
And then I pray, for better days
Do you know how it is without anyone?
Do you know
Anyone?
Don't let it go never forget
that when I think of you
You're not alone.⁵*

Me perco traduzindo a canção em meus devaneios: “tantas vezes eu tentei encontrar, pedaços de sonho, visões e sons...” Logo me dou conta que há algo da relação transferencial ali expresso.

Então, como uma mãe de primeira viagem que tenta dar palavras a algo que um filho sente e não sabe nomear, canto para ele essa canção bem baixinho – que eu sei de cor –, ele então sorri, comovido, e me diz:

– Sempre foi assim, nunca conseguia dizer o que sentia, desde pequeno. Até o nó na garganta eu sinto. Chega a ser físico. Eu travo. Exatamente igual essa música.

Grata pela intensidade de sua resposta, repito a última estrofe.

– Never forget that when I think of you, you're not alone.

E o paciente sorri com olhos cheios de lágrimas. Parecia sentir-se compreendido.

5 *Depois de tudo, tudo que tenho na mente é apenas silêncio, em toda parte / Sombras de azul nadando na lua, contando as estrelas / Muitas vezes eu tentei encontrar, pedaços de sonho visões e sonhos / Então eu rezo por dias melhores / Você sabe como é, sem ninguém? / Você sabe? Você conhece alguém? / Não deixe ir, nunca se esqueça / Que quando penso em você, você não está só.*

Helena Di Ciero

A sessão termina, e a última estrofe me visita em pensamento, antes que eu desligue as luzes do consultório: *I'll say a prayer for better days...*

Me sinto devaneando sobre uma fina linha de esperança. Quem sabe na próxima teremos mais palavras.

Bollas (1987) descreve:

Nesses devaneios, o self, como objeto transformacional, encontra-se em algum lugar do futuro, e mesmo divagar sobre planos do futuro (o que fazer onde ir, etc.) é, quase sempre, um tipo de prece psíquica para a chegada de um objeto transformacional: uma segunda vinda laica de uma relação objetal experienciada no período mais remoto da vida” (p.32)

I'll say a prayer, for better days.

Nesse dia, volto para casa satisfeita. A sintonia de uma canção embalou esse encontro. Uma canção trouxe-lhe palavras há muito silenciadas.

Ao escrever esse relato, lembro-me de Winnicott: “a grande sintonia que havia entre nós parecia mostrar que éramos as únicas pessoas que existiam no mundo. Ela se via em meus olhos e, assim refletida, podia ver a si mesma e sentir que existia. (1975)”.

Também em *Companhia viva*, Anne Alvarez (1994) descreve que consolar, entreter, brincar, são termos ligados a relações objetais. E “cantar para” também o é. Resgatar uma melodia para João fez com que eu resgatasse meu aspecto vivo de analista, o que me concedeu energia para seguir no que Alvarez descreve como “a luta pelo paciente”. A autora relata que em alguns casos: “é preciso carregar para o paciente a parte viva sensível do self e se autorizar a lutar pelo paciente, isto é, despertá-lo para a vida”. (p.96)

Soul – Um cante a palo seco

*A sua presença é branca,
verde vermelha,
azul e amarela,
é negra, é negra, é negra
morena*

CAETANO VELOSO

Em contraste com seu silêncio, no aspecto físico João é bem colorido. Vive mudando a cor dos cabelos, raspando, mudando o corte e fazendo muitas tatuagens. Expressa-se com muita riqueza. Ainda que pinte os cabelos de verde, azul e amarelo ao mesmo tempo, o faz com uma graça rara, tornando-se uma figura visualmente harmônica, tal qual os quadros que pinta. Seu corpo anuncia em voz alta sua presença, em contraposição a seu silêncio marcante.

Numa dessas sessões, brinquei com ele ao ligar a câmera e vê-lo:

– *Olá camaleão.*

O paciente sorriu em silêncio e assim permaneceu. Ficamos juntos calados, novamente, por um longo tempo. Até que me cansei e comecei com mais uma das minhas histórias. Perguntei-lhe se conhecia a versão de “Rapte-me camaleoa”, de Caetano Veloso com Maria Gadú.

Ele consentiu com a cabeça. Novamente entramos no velho campo calado, e então eu disse:

– *Certa vez eu estava muito triste, indo visitar uma pessoa muito querida que estava à beira da morte no hospital. Eu sabia que não teria jeito e fui dirigindo desanimada, até que tocou essa música no rádio. Foi tão impressionante a potência da canção que me encorajei, mudei por completo o que eu sentia.*

Helena Di Ciero

Ouvindo Caetano e Maria Gadú, naquele estacionamento cinza de concreto do hospital, algo em mim despertou, impressionante a força da versão dessa dupla. 'Rapte-me camaleoa, capte-me uma mensagem à toa... Uma voz completa a outra, tão bonito de se ver.

Falei esperando não ter eco. Esperando o mesmo sorriso semicerrado e olhos espremidos. Mas João surpreendentemente me disse:

– Eu vi um filme essa semana que lembrei de você. Chama-se Soul. Sobre uma alma que tinha desistido de viver e o personagem principal vai mostrando para ela as coisas simples da vida, a beleza de uma flor, de uma canção, de uma família, do amor. E a tal alma, que se chamava 22 e tinha desistido de vir para a terra, vai se apaixonando pela vida e querendo enfrentá-la.

Nesse momento, agradecida, fiquei sem palavras e sorri sem mostrar os dentes, disfarçando meu impacto.

– Somos uma boa dupla né, 22? Quase Caetano com Maria Gadú.

João sorri. Eu sorri. Estamos felizes, estamos juntos, sintonizados. O cinza metálico do computador ganhou as cores pulsantes de João. E este renovou minha esperança e fé no trabalho psicanalítico e no potencial transformador de nosso ofício⁶. Tal qual a canção, num estacionamento gélido e cinza de um hospital.

João me trouxe o presente certo, o acorde que faltava. Mostrando-me que posso continuar indo em frente com meus improvisos.

6 Bion (1973) define a fé como uma resposta primordial e profunda de defesa contra o sentimento de catástrofe. É uma experiência emocional, singular. Porém não se trata de uma fé religiosa – um conjunto de dogmas e doutrinas que constituem um culto. Para o autor, esta fé se torna apreensível quando se representa no pensamento e por meio deste. Se trata da fé na existência de uma realidade verdadeira e última. A fé que move um cientista a ir em busca de algo, mesmo sem dados objetivos.

Soul – Um cante a palo seco

O resto é silêncio

SHEAKSPEARE

Pós-escrito: a escolha de um nome

“João esperto leva o presente certo” é a história de um menino pobre que é convidado para a festa de uma princesa. Decide fazer o bolo com o único morango de seu jardim, uma noz que tinha em casa, o resto do açúcar da dispensa e a única vela que tinha. No caminho do castelo, escurece e ele usa a vela, em seguida um urso come o morango e, ao chegar no castelo, descobre que a princesa era alérgica a nozes. Diante de uma longa fila de convidados com suas ofertas, a princesinha, entediada, sequer mexia ao receber os presentes. Quando chegou a vez de João, deparada com uma única noz, ela o indaga como pôde trazer um presente tão ínfimo, que ainda por cima lhe dava alergias. Para remendar a situação, ele resolve contar toda sua aventura na floresta com muito entusiasmo, carregando nas cores: o morango solitário colhido no jardim, o urso terrível de quem ele escapou graças ao mesmo moranguinho, a escuridão tenebrosa do caminho. A princesa, subitamente desperta, levanta-se de seu trono e diz: “esse é o melhor presente que eu poderia ganhar! Uma história!”

E ambos saem de mãos dadas.

Helena Di Ciero

Referências

- ALVES, R. Pôr-da-lua. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 46, n. 84. pp. 205-207, 2013.
- ANDREUCCI, J. *Ide: psicanálise e cultura*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, v. 12, 1986.
- ALVAREZ, A. *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BION, W. R. Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: ABP, v. 13, n.4, 1979.
- BOLOGNINI, S. O bar no deserto: simetria e assimetria no tratamento de adolescentes difíceis. *Revista Brasileira de Psicanálise*, n 38, pp.259–269, 2004.
- BOLLAS, C. Objeto Transformacional. A sombra do objeto. Imago. 1987
- DI CIERO, P. Fé e compreensão psicanalítica. In: LEVIZON; SIMON; YAMAMOTO (Orgs.) *Novos avanços em psicoterapia psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni, 2016.
- HINSHELWOOD, R. D. Identificação Projetiva. *Dicionário do pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- LORCA, G. *Obra poética completa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MELO NETO, J. C. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.
- MINERBO, M. *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São paulo: Blucher, 2019.
- OGDEN, T. H. Esta arte da psicanálise. *Livro Anual de Psicanálise*, São Paulo, v. 21, p. 73-189, 2006.
- Ogden T H. (1995) Analisando formas de vitalidade e desvitalização na transferência contra transferência (pp.175-188). In: Livro anual de psicanálise. São Paulo: Ed Escuta.
- SLOCHOWER, J. As delinquências secretas do analista. *Jornal de psicanálise*, vol. 43 n. 79. São Paulo, 2010
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2015.
- SOLOMON, A. O demônio do meio-dia. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.
- WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975